

A RIBEIRA DE ALCÁÇER CEGUER

ESTRUTURAS MILITARES
E VIDA MARÍTIMA
NOS SÉCULOS XIV-XVI

THE *RIBEIRA* OF KSAR SEGHIR

MILITARY STRUCTURES
AND MARITIME LIFE IN THE
14TH TO 16TH CENTURIES

ANDRÉ TEIXEIRA

*Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade NOVA de Lisboa /
CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores*

ABDELATIF EL-BOUDJAY

Conservateur du Site Archéologique de Ksar Seghir

GONÇALO C. LOPES, JOANA BENTO TORRES, CRISTÓVÃO FONSECA

CHAM, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, Universidade dos Açores

Situado na margem Sul bordejando o Estreito de Gibraltar, no local onde desagua o pequeno rio Laksar, o sítio arqueológico de Alcácer Ceguer encontra-se bem adentro do meio aquático. Crê-se que em épocas recuadas essas características fossem ainda mais nítidas, ficando o povoado quase que como uma ilha. Se o troço final do rio se abre numa várzea com cerca de 3 km de extensão, para montante registam-se relevos acentuados, na continuidade do maciço do Rif, dificultando as comunicações com o interior do território. Mais proximamente, o sítio está circundado por relevos importantes, destacando-se a Oeste o abrupto monte do Seinal (figura 1).

Alcácer Ceguer terá sido ocupado durante a dinastia almorávida, datando do século XI a primeira referência escrita, que denomina este local como um porto de mar.

Situated on the south bank of the Strait of Gibraltar, at the mouth of the small Laksar River, the archaeological site of Ksar Seghir is clearly located in an aquatic environment. It is believed that in ancient times these characteristics were even more clear-cut, as the settlement was almost like an island. The final stretch of the river opens onto a floodplain some 3 km in length, but there are pronounced reliefs upstream, in the foothills of the Rif massif, hindering communications with the interior of the territory. The site is surrounded by important reliefs, with the abrupt mount Seinal standing out to the west (figure 1).

Ksar Seghir was probably occupied during the Almoravid dynasty. The first written reference to the site dates back to the 11th century, and refers to this location as a seaport. The site underwent a clear expansion



1. Alcácer Ceguer e o Estreito de Gibraltar em 2014, vistos de Sul.
Ksar Seghir and the Strait of Gibraltar in 2014, seen from the south.

Sob os almóadas o local conheceu claro incremento, fixando-se aqui um estaleiro de construção naval e assumindo um destacado papel nas ligações marítimas entre o Norte de África e a Península Ibérica, nomeadamente nas acções militares da dinastia; as fontes do século XII referem a presença de uma fortificação ribeirinha (Moujoud, 2012, p. 38-44). Os mais antigos achados arqueológicos, de natureza numismática, apontam também para estas centúrias (Redman, 1986, p. 129-130). Nos séculos seguintes o sítio continuou a ter esta importante função marítima de travessia para o al-Andalus, registando o cronista Ibn Abi Zar' no século XIV que as muralhas e portas da vila haviam sido erguidas no reinado de Yousouf Ibn Abd Al-Haq em 1287 (Moujoud, 2012, p. 45-47). Com efeito, atribui-se aos séculos XIII e XIV boa parte das estruturas arqueológicas militares e civis descobertas neste sítio (Redman, 1986, p. 95). No ocaso da dinastia merínida e ascensão dos oatácidas, o sítio deteve significativa autonomia política, como demonstra a recente leitura de uma epígrafe descoberta no local; esta revela também que, escassos anos antes da conquista portuguesa, se operou uma reforma do dispositivo militar, indicando que aquela era, de alguma forma, esperada (Martínez, 2016).

O aglomerado urbano foi conquistado pelos portugueses em 1458, sendo a segunda posição ocupada no Norte de África, depois de Ceuta em 1415, marcando o retomar da ofensiva no Magrebe depois do fracasso de Tânger em 1437 e do subsequente cativeiro do Infante D. Fernando (Farinha, 1990, p. 157). A posição só foi abandonada em 1550, no quadro da redefinição da política marroquina portuguesa durante o governo de D. João III (Cruz, 1997). Os 92 anos de ocupação portuguesa implicaram transformações na morfologia do espaço urbano, não apenas ao nível dos elementos arquitectónicos mais significativos, como fortificações ou edifícios religiosos, mas também dos arruamentos, habitações, espaços comerciais ou artesanais (Redman, 1986, p. 138-216; Correia, 2008, p. 150-169; Teixeira, 2016).

O local ficou abandonado após a partida dos portugueses em meados do século XVI, chegando aos nossos dias como uma ruína, que guarda no seu subsolo relevantíssima informação arqueológica. O projecto dirigido por Charles L. Redman desenvolveu aqui importantes trabalhos entre 1974 e 1981, calculando-se que tenham sido escavados 18% do sítio. As intervenções permitiram, não apenas revelar parcelas do aglomerado existente à chegada dos portugueses, como identificar extensivamente a ocupação cristã (*vide* a síntese monográfica Redman, 1986). As publicações desta equipa constituem, pois, uma fonte de conhecimento inestimável sobre a presença portuguesa no local, não esgotando contudo o potencial de informação que foi colectado naqueles anos, nem a pluralidade de interpretações que hoje, com novos ângulos de visão, podemos avançar relativamente a estes contextos.

under the Almohads, with the establishment of a shipyard, taking on a prominent role in the maritime connections between North Africa and the Iberian Peninsula, namely during the military actions of this dynasty. The 12th century sources mention the presence of a riverine fortification (Moujoud, 2012, p. 38-44). The oldest archaeological finds, of numismatic nature, also indicate this chronology (Redman, 1986, p. 129-130). In the following centuries, the site continued to have an important maritime function as a gateway to al-Andalus. Chronicler Ibn Abi Zar' states, in the 14th century, that the walls and gates of the town had been erected in 1287, during the reign of Yousouf Ibn Abd Al-Haq (Moujoud, 2012, p. 45-47). In fact, most of the military and civilian archaeological structures discovered at this site can be ascribed to the 13th and 14th centuries (Redman, 1986, p. 95). During the decline of the Marinid dynasty and the rise of the Wattasids, Ksar Seghir had significant political autonomy, as demonstrated by the recent reading of an epigraph discovered at the site, which also reveals that, a few years before the Portuguese conquest, a reform of the military structures took place, indicating that the attack was somehow expected (Martínez, 2016).

The urban settlement was conquered by the Portuguese in 1458. This was the second location to be occupied in North Africa, after Ceuta in 1415, marking the resumption of the offensive in the Maghreb, after the debacle of Tangier in 1437 and the subsequent captivity of Dom Fernando, one of the Portuguese king's sons (Farinha, 1990, p. 157). This stronghold was only abandoned in 1550, in the scope of the redefinition of the Portuguese political strategy in Morocco during the government of King João III (Cruz, 1997). The 92 years of Portuguese occupation entailed changes in the morphology of urban space, not only in terms of the most significant architectural elements, such as fortifications or religious buildings, but also regarding thoroughfares, dwellings, commercial or manufacturing facilities (Redman, 1986, p. 138-216; Correia, 2008, p. 150-169; Teixeira, 2016).

The site was abandoned after the departure of the Portuguese in the middle of the 16th century, reaching our days as a ruin, which holds very important archaeological information in its subsoil. The project led by Charles L. Redman carried out significant work here between 1974 and 1981, with an estimated 18% of the site having been excavated. The interventions allowed not only to reveal parts of the existing settlement at the time of the arrival of the Portuguese, but also to extensively identify the Christian occupation (see the monographic synthesis in Redman, 1986). The publications of Redman's team are, therefore, an invaluable source of knowledge about the Portuguese presence at the site, but they do not exhaust the information potential that was gathered in those years, nor the plurality of interpretations that we can put forward in relation to these contexts nowadays, with new angles of vision.

Assim, desde 2011 retomámos os trabalhos arqueológicos no sítio, entretanto objecto de operação de valorização (El-Boudjay, 2012), primeiro através de dois projectos financiados pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e pelo Centre National pour la Recherche Scientifique et Technique¹, depois com apoio da Fundação Calouste Gulbenkian², mais recentemente com financiamento da Fundação para a Ciência e Tecnologia³, beneficiando também do apoio da Embaixada de Portugal em Marrocos e do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (Teixeira e Correia, 2017). Os trabalhos inscrevem-se num protocolo entre a Direcção do Património Cultural, do Ministério da Cultura de Marrocos, e a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa. Incluem a realização de novas sondagens arqueológicas, o estudo das colecções de anteriores missões e a conservação e valorização do património. A partir de 2013 a Direcção-Geral do Património Cultural, de Portugal, associou-se também à missão, bem como colegas da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

O presente texto surge na sequência de um projecto na área da conservação e restauro empreendido pelo Ministério da Cultura de Marrocos, através da Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir e em colaboração com a Association du Patrimoine du Littoral Marocain Méditerranéen, com vista à identificação e recuperação de um troço da muralha urbana. Garantindo o apoio financeiro do Ambassadors Fund for Cultural Preservation, em 2014, foi desenvolvido trabalho no sector Oeste do sítio arqueológico, no troço da cerca confinante com o rio. A ocasião foi aproveitada para a realização de investigação arqueológica sobre a fortificação e a configuração geral desta área ribeirinha, no quadro do referido projecto luso-marroquino em Alcácer Ceguer.

Thus, since 2011 we have resumed the archaeological works at the site, which in the meantime has been the subject of an enhancement undertaking (El-Boudjay, 2012), first through two projects funded by the Fundação para a Ciência e Tecnologia and the Centre National pour la Recherche Scientifique et Technique¹, afterwards with support from the Calouste Gulbenkian Foundation², and more recently again with funding from the Fundação para a Ciência e Tecnologia³, as well as the support of the Portuguese Embassy in Morocco and the Camões – Instituto da Cooperação e da Língua (Teixeira and Correia, 2017). These works are part of a protocol between the Direction du Patrimoine Culturel of the Ministry of Culture of Morocco and the NOVA School of Social Sciences and Humanities. They include new archaeological surveys, the study of collections from previous missions as well as heritage conservation and enhancement. From 2013 onwards, the Portuguese Directorate-General for Cultural Heritage (DGPC) also joined the mission, as well as colleagues from the Faculty of Sciences of the University of Lisbon and from the Institute of Social Sciences of the University of Minho.

This text results from a conservation and restoration project undertaken by the Ministry of Culture of Morocco, through the Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir and in collaboration with the Association du Patrimoine du Littoral Marocain Méditerranéen, to identify and restore a section of the urban wall. Benefitting from the financial support of the Ambassadors Fund for Cultural Preservation (USA), in 2014 work performed in the western sector of the archaeological site, on the stretch of the urban wall bordering the river. This was also an opportunity to carry out archaeological research on the fortification and on the general layout of this riverine area, in the framework of the aforementioned Luso-Moroccan project in Ksar Seghir.

1. O primeiro denominado *Villes et architectures d'origine portugaise au nord du Maroc: Asilah et Qsar es-Sghir*, da Direction Régionale de la Culture de la Région Tanger-Tétouan e da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, dirigido por Jorge Correia e Mehdi Zouak (2010-2011), o segundo designado *O sítio arqueológico de Ksar Seghir: confluência de civilizações entre o Mediterrâneo e o Atlântico (séculos XIV-XVII)*, da Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, dirigido por André Teixeira e Abdelatif el-Boudjay (2013-2014).

2. Intitulado *Espaços e vivências urbanas do período português no Norte de África: arqueologia em torno do Estreito de Gibraltar (séculos XV a XVII)*, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e dirigido por um de nós (AT), em 2015-2016.

3. O projecto de investigação denominou-se *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e da Universidade dos Açores, assim como do Laboratório de Paisagens, Património e Território da Universidade do Minho, coordenado por Jorge Correia (PTDC/EPH-PAT/41174/2014).

1. The first project was titled *Villes et architectures d'origine portugaise au nord du Maroc: Asilah et Qsar es-Sghir*, headed by the Direction Régionale de la Culture de la Région Tanger-Tétouan and the School of Architecture of the University of Minho, and directed by Jorge Correia and Mehdi Zouak (2010-2011). The second project was titled *O sítio arqueológico de Ksar Seghir: confluência de civilizações entre o Mediterrâneo e o Atlântico (séculos XIV-XVII)*, headed by the Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir and the NOVA School of Social Sciences and Humanities, and directed by André Teixeira and Abdelatif el-Boudjay (2013-2014).

2. Titled *Espaços e vivências urbanas do período português no Norte de África: arqueologia em torno do Estreito de Gibraltar (séculos XV a XVII)*, headed by the NOVA School of Social Sciences and Humanities and directed by one of the authors (AT), in 2015-2016.

3. The research project was titled *Espaços e vivências do período português no Norte de África: cidades e vilas do "Algarve de Além-Mar" (séculos XV a XVII)*, headed by the CHAM of the NOVA School of Social Sciences and Humanities, as well as by the Lab2PT of the University of Minho, and coordinated by Jorge Correia (PTDC/EPH-PAT/41174/2014).

OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

Os dados arqueológicos aqui estudados resultam de trabalho de campo desenvolvido entre 17 de Junho e 6 de Julho de 2015, 1 e 29 de Junho de 2016, 20 e 31 de Janeiro de 2017 e, por fim, 2 e 16 de Junho de 2017, sob a direcção de dois dos signatários (AB e AT). Incidiram na zona Noroeste do perímetro muralhado (figura 2), imediatamente a Sul da parede Sudoeste do castelo, numa zona confinante com o rio Laksar, a uns 200 m da sua foz (ver a sua descrição detalhada em El-Boudjay *et al.*, 2016). Os trabalhos de limpeza da estrutura levaram à descoberta de uma interrupção do pano de muralha entre a primeira e a segunda torre circular da cerca urbana a Sudoeste do castelo. Os limites destes segmentos da muralha eram formados por grandes silhares, reconhecidos como característicos de portas portuguesas, por comparação com as demais estruturas deste tipo existentes no próprio sítio arqueológico.

Definiu-se, pois, uma primeira área de trabalho arqueológico com 6 x 8 m, abrangendo esta zona de interrupção da muralha e porções contíguas, incluindo um espaço interior (denominado E3N17) e outro exterior (E4N17) do perímetro fortificado. A escavação fez-se apenas até aos níveis de ocupação portuguesa, correspondentes à abertura da referida porta, verificando-se os seguintes estratos: C1 e C2, depósitos recentes; C3, contendo grande quantidade de pedras resultantes do colapso da referida porta e torres adjacentes.

Depois, decidiu-se fazer uma sondagem em profundidade com 2 x 2 m (designada E4N17, *quadrant nord*), no canto Nordeste daquela área, no espaço interior da cerca e confinando com o acesso à primeira torre circular da cerca a Sudoeste do castelo. Procurava-se estudar o funcionamento das estruturas militares e a sua cronologia. Verificaram-se dois níveis de ocupação: um, C4 a C6, correspondente a um aterro feito pelos portugueses, contendo essencialmente materiais merínidas; outro, C9 a C11, resultantes da colmatação da vala de fundação da muralha e preparação do piso (C7 e C8) de acesso à referida torre da cerca, contendo material almóada (figura 3).

A 12 m a Sudoeste desta sondagem foi realizada uma outra, com 4 x 4 m (E2N17), no local onde se julgava estar um troço da barbacã da vila, a cortina mais baixa e menos espessa que a muralha principal do burgo, situada no exterior e junto desta, que servia como barreira de protecção em caso de acometimento. A intervenção atingiu apenas os níveis de ocupação portuguesa, correspondentes à abertura de uma porta neste troço da barbacã, conectada com o referido acesso rasgado na muralha principal. Detectaram-se os seguintes estratos: C1 a C4, correspondentes à cobertura das estruturas portuguesas ao longo dos séculos; C5, relativa à destruição da muralha e torres da cerca após o abandono da vila pelos portugueses; C6, pavimento, e C7 e

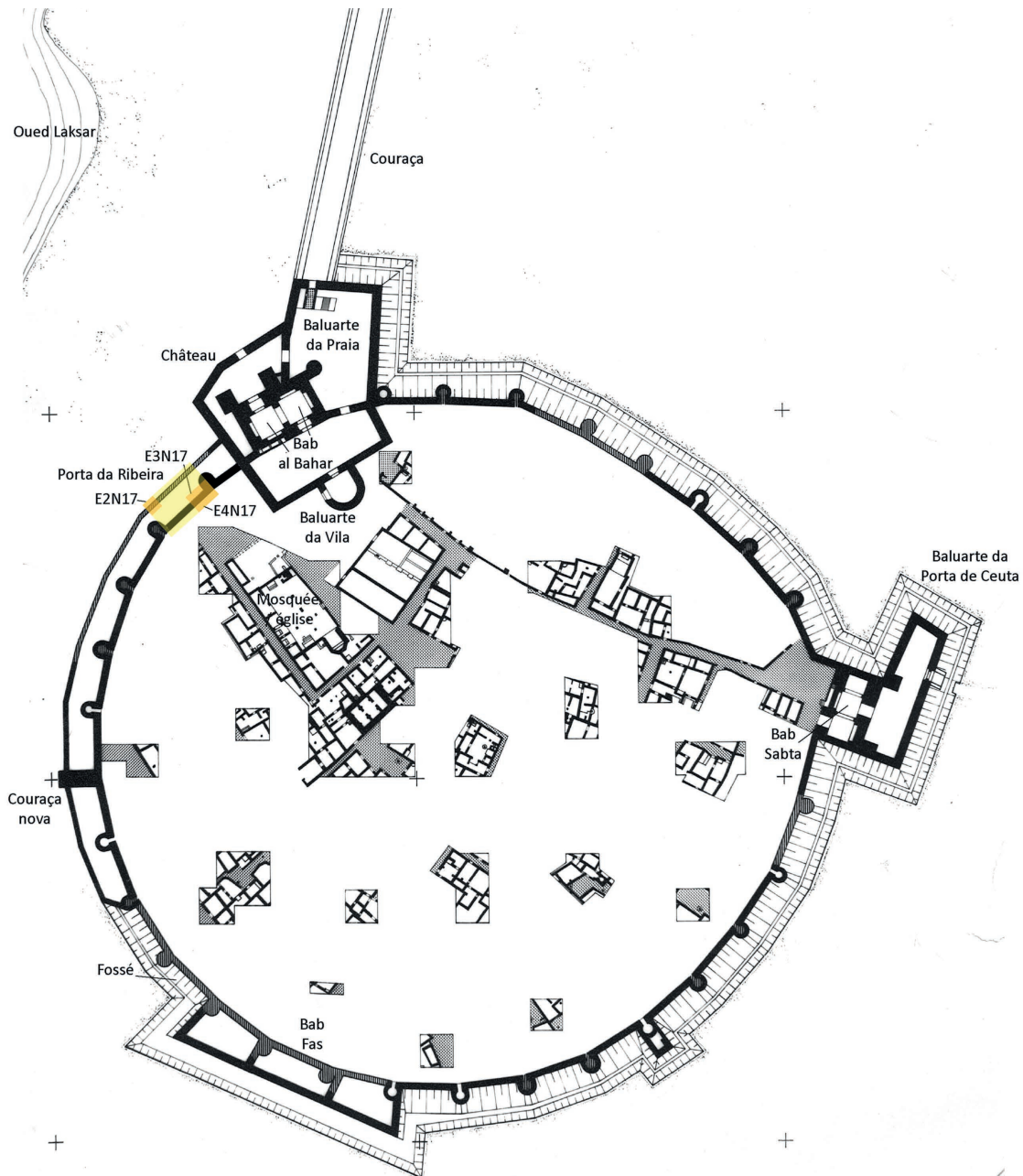
THE ARCHAEOLOGICAL WORKS

The archaeological data studied herein result from field-work performed between June 17th and July 6th, 2015, June 1st to 29th, 2016, January 20th to 31st, 2017 and, finally, June 2nd to 16th, 2017, under the direction of two of the authors (AB and AT). These interventions were carried out in the north-western part of the walled perimeter (figure 2), immediately south of the south-western wall of the castle, in an area bordering the Laksar River, some 200 m from its mouth (for a detailed description see El-Boudjay *et al.*, 2016). The cleaning of the structure led to the discovery of an interruption of the curtain between the first and second circular towers of the urban wall to the southwest of the castle. The limits of these wall sections were formed by large ashlars, recognized as characteristic of Portuguese gates, by comparison with the other structures of this type that exist in the archaeological site itself.

A first archaeological work area of 6 x 8 m was therefore defined, covering this area of interruption of the wall and the adjoining stretches, including an inner space (E3N17) and another, outer space (E4N17) of the fortified perimeter. The excavation was carried out only down to the levels of Portuguese occupation, corresponding to the construction of the above-mentioned gate; the following layers were identified: C1 and C2, recent deposits; C3, containing a large quantity of stones resulting from the collapse of the referred gate and the adjacent towers.

Afterwards, it was decided to open a 2 x 2 m deep sondage (designated E4N17, *quadrant nord*), in the northeast corner of this area, in the interior space of the wall and adjoining the access to the first circular tower of the urban wall to the southwest of the castle. The aim was to study the functions and chronology of these military structures. Two levels of occupation were identified: one, C4 to C6, corresponding to a landfill made by the Portuguese, containing mainly Marinid materials; another, C9 to C11, resulting from the clogging of the wall's foundation trench and from the preparation of the pavement (C7 and C8) giving access to the referred wall's tower; this level featured Almohad materials (figure 3).

A further 4 x 4 m sondage (E2N17) was opened 12 m to the southwest of the former, at the presumed location of a section of the town's barbican, a lower curtain less thick than the town's main wall, situated outside and next to the latter, which served as a protection barrier in case of an attack. The intervention only reached the Portuguese occupation levels, corresponding to the construction of a gate in this section of the barbican, connected to the aforementioned main wall access gate. The following layers were identified: C1 to C4, corresponding to the covering of the Portuguese structures over the centuries; C5, related to the destruction of the urban wall and its towers after the abandonment of the town by the Portuguese; C6, floor, and C7 and C8, sediment, related to a restructuring of the space



2. Indicação das áreas onde decorreram os trabalhos arqueológicos na zona ribeirinha entre 2015 e 2017, sobre planta geral do sítio arqueológico (adaptado de Redman, 1986, p. 144).
The areas where archaeological interventions were carried out, between 2015 and 2017, in the riverine area, marked on an overall ground plan of the archaeological site (adapted from Redman, 1986, p. 144).

C8, sedimento, referentes a uma reestruturação do espaço durante a ocupação portuguesa, após a abertura da referida porta.

Por fim, toda a área de intervenção foi aberta mecanicamente, numa extensão de 11 x 13 m, removendo-se os níveis referentes a depósitos recentes, segundo os dados obtidos nas sondagens precedentes. Procedeu-se, seguidamente, à escavação dos depósitos arqueológicos, nomeadamente: colapso da muralha e torres da cerca urbana após o abandono do sítio pelos portugueses, preservados em dois núcleos junto a cada uma das torres; um nível de argamassa que cobria a barbacã e a mencionada porta da barbacã, correspondente à referida

during the Portuguese occupation, after the construction of the aforementioned gate.

Finally, the entire intervention area was excavated in an extension of 11 x 13 m, using mechanical excavators to remove the levels pertaining to recent deposits, according to the data obtained in the previous sondages. The archaeological deposits were then manually excavated, namely: the collapse of the urban wall and its towers following the abandonment of the site by the Portuguese, preserved in two areas close to each of the towers; a level of mortar that covered the barbican and the aforementioned barbican gate, corresponding to the above referred Portuguese reformulation of this area; and the

reformulação portuguesa desta área; calçada que unia a porta da barbaca e a porta da cerca urbana, seguramente de época portuguesa.

Nos pontos que se seguem ensaiaremos uma análise integrada dos resultados obtidos nestas intervenções, conjugando os dados destas várias áreas de trabalho. Procuraremos seguir uma ordem cronológica, começando por analisar as realidades mais antigas e terminando por referir as mais recentes. Conjugaremos, em cada horizonte cronológico, os dados arqueológicos e pistas para a sua interpretação, concedidas por outros trabalhos desta natureza e pelas informações constantes das fontes escritas. Não analisaremos aqui os materiais arqueológicos recolhidos, objecto de outra publicação (El-Boudjay *et al.*, 2016), ou ainda em estudo.

DA FUNDAÇÃO À COLMATAÇÃO DA CERCA URBANA

A questão da origem da muralha foi estudada na sondagem em profundidade que realizámos nesta área ribeirinha de Alcácer Ceguer, denominada E4N17 / *quadrant nord*. Trata-se, pois, de uma área reduzida, mas em que os dados arqueológicos são claros. A base da muralha caracterizava-se por um espessamento da estrutura com pedras e argamassa, formando um talude, detectando-se o nível freático durante a intervenção (figura 3). Os sedimentos arenosos pouco compactos que a cobriam eram assaz homogéneos, contendo cerâmicas queimadas muito fragmentadas dos séculos XII e XIII (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 174-175), além de objectos em ferro, fauna e nódulos de carvão. Sobre eles foi criado, primeiro, um piso em ladrilho e, depois, um em argamassa muito compacta, que conduziam à torre da cerca, estando ao mesmo nível da respectiva soleira (figura 4). Assim, segundo os dados arqueológicos, é claro que em data anterior à centúria de Trezentos foi erguida a muralha e as respectivas torres, cobrindo-se as suas fundações com materiais resultantes da ocupação do povoado em época anterior.

Estes resultados vão ao encontro de indícios expressos nas fontes escritas, já mencionados. No século XI al-Bakri assinalou nesta zona um ribat, cuja localização é imprecisa e a data de fundação indefinida. Na centúria seguinte al-Idrisi referiu um “grande castelo à beira de água”, indubitavelmente correspondente a Alcácer Ceguer. Como referido, Ibn Abi Zar’ aponta que a construção da muralha e portas do burgo se deu em 1287 (Moujoud, 2012, p. 45-47). Este testemunho trecentista era já mais verosímil que o de autores mais recentes, como João Leão, o Africano, que atribuiu a sua fundação ao califa almóada Abu Ya’qub al-Mansur, tradição seguida pelas crónicas portuguesas. As portas monumentais reveladas durante a missão dirigida por Redman são também um dado cronológico evidente, porquanto pertencem, do ponto de vista das técnicas de construção e da sua morfologia, ao período merínida (Cressier, 2006, p. 468-469), balizando assim o perímetro fortificado desta época.

pavement that connected the barbican gate to the gate of the urban wall, which surely dates from the Portuguese period.

In the following sections, we will present an integrated analysis of the results of the above-referred interventions, combining the data gathered in the different work areas. We shall follow a chronological order, starting by analysing the oldest realities and ending by referring to the most recent ones. Moreover, we will combine, in each chronological horizon, archaeological data and clues for their interpretation, provided by other archaeological works and written sources. We will not analyse herein the recovered archaeological materials, as they were already published (El-Boudjay *et al.*, 2016), or are still under study.

FROM THE FOUNDATIONS TO THE CLOGGING OF THE URBAN WALL

The issue of the origins of the urban wall was addressed by means of a deep sondage (E4N17 / *quadrant nord*) carried out in this riverine area of Ksar Seghir. This is, therefore, only a small area, but the archaeological data are clear. The base of the wall featured a sloped thickening of its structure, made of stones and mortar; the water table was reached during this intervention (figure 3). The rather loose sandy sediments that covered this structure were quite homogeneous, containing very fragmented burnt ceramics from the 12th and 13th centuries (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 174-175), as well as iron objects, faunal remains and coal nodules. A tiled pavement was eventually built on top of these sediments and was later on covered by another floor, made of very compact mortar; both gave access to the tower of the urban wall, at the elevation of its sill (figure 4). Thus, and according to archaeological data, it is clear that the construction of the wall and its towers predates the 1300s, since the foundations were covered with materials originating from the occupation of the settlement in previous times.

These results are consistent with the evidence gathered from the previously mentioned written sources. In the 11th century, al-Bakri referred to a ribat in this area, but its location is imprecise and the foundation date is unknown. In the following century, al-Idrisi mentioned “a great castle on the waterfront”, undoubtedly corresponding to Ksar Seghir. As mentioned before, Ibn Abi Zar’ points out that the construction of the wall and gates of the burg took place in 1287 (Moujoud, 2012, p. 45-47). This 14th-century testimony was more plausible than that of more recent authors, such as Joannes Leo Africanus, who ascribed their foundation to the Almohad Caliph Abu Ya’qub al-Mansur, a tradition then followed by the Portuguese chronicles. The monumental gates unveiled during the archaeological mission directed by Redman are also an evident chronological fact, as their morphology and construction techniques clearly date from the Marinid period (Cressier, 2006, p. 468-469), and thus provide a timeframe for the coeval fortified perimeter.



3. Perfil Norte da sondagem E4N17, *quadrant nord*, em 2016, assinalando-se os diferentes estratos.
North section of sondage E4N17, *quadrant nord*, in 2016, showing the various layers.



4. Piso (C8) de acesso à primeira torre circular da cerca a Sudoeste do castelo, em 2016.
Pavement (C8) giving access to the first round tower of the urban wall to the southwest of the castle, in 2016.

O pendor dos soberanos desta dinastia para a construção de cidades foi já enfatizado. Neste caso, Patrice Cressier assinalou o traçado perfeitamente circular da muralha, distinto de uma construção vagamente redonda, como as que se encontram na Península Ibérica baixo-medieval. Nota também que este círculo é apoiado num triângulo equilátero formado pelas três portas do burgo, rigorosamente equidistantes. Também alude à maior monumentalidade da porta marítima, a Bab Bahar [Porta do Mar], por oposição à voltada a Este, a Bab Sabta [Porta de Ceuta], ou ao interior do território, a Bab Fas [Porta de Fez], ao contrário do que é regra na generalidade das medinas do ocidente islâmico medieval. Enfim, naquela que parece ser a proposta mais consistente até ao momento, vê nesta construção usando formas geométricas puras, eventualmente de carácter profilático, a corporização dos desígnios estratégicos dos sultões merínidas de intervenção militar na Península Ibérica, uma evocação do espírito da guerra santa que justificava ideologicamente aquele ensejo e a própria dinastia (Cressier, 2012, p. 65-79). O posicionamento de semelhante construção quase adentro de água reforçaria, seguramente, a determinação de avançar além Estreito de Gibraltar na recuperação do esplendor perdido do al-Andalus (figura 1).

Os dados arqueológicos agora obtidos reforçam esta teoria, nomeadamente a datação merínida das muralhas, afastando a hipótese de uma autoria portuguesa desta obra (Moreira, 1989, p. 123). Note-se que a cerca urbana – objecto de intervenções recentes – tem clara homogeneidade formal, além de uma curvatura idêntica, formando o referido círculo. As torres redondas que se lhe adossam são também muito similares, excepto nos casos pontuais de remodelação portuguesa, claramente documentados. Assim, a comprovação arqueológica de que a primeira destas torres a Sudoeste da Bab Bahar e o respectivo lanço de muro têm uma origem compatível com a referência documental de Ibn Abi Zar', a par da mencionada homogeneidade e geometrismo do sistema defensivo, leva-nos a concluir que esta obra de protecção do burgo com cerca e torres circulares foi executada nesta mesma época.

A acção dos portugueses neste espaço está também claramente documentada nesta sondagem arqueológica. Sobre o referido piso de acesso à torre da cerca foram depositados detritos domésticos de época merínida, nomeadamente uma série de sedimentos com grande quantidade de cerâmica de finais do século XIV e inícios da centúria seguinte, todas colando entre si, representando portanto um mesmo momento de deposição (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 177-184). Estes depósitos incluíam também pedras de pequena e média dimensão, telhas, tijolos, ladrilhos, nódulos de argamassa, carvões, uma grande quantidade de fauna, objectos em metal, enfim, vestígios de habitações que deveriam existir nas redondezas aquando da chegada dos portugueses e que foram destruídas.

The Marinid sovereigns' inclination to build cities has already been emphasized. In this case, Patrice Cressier highlighted the perfectly circular layout of the wall, quite distinct from a vaguely round construction, as compared to the ones usually found in Late Medieval Iberian Peninsula. He also pointed out that this circle is supported by an equilateral triangle formed by the three gates of the burg, which are strictly equidistant. Furthermore, this author also mentions the greater monumentality of the maritime gate, the Bab Bahar [Sea gate], as opposed to the eastward gate, the Bab Sabta [Ceuta gate], or the inland gate, the Bab Fas [Fez gate], contrary to what is the rule in most medinas of the medieval Islamic West. Finally, in what seems to be the most consistent proposal so far, Cressier sees in this construction using pure geometric forms, possibly of a prophylactic nature, the embodiment of the strategic designs of the Marinid sultans regarding a military intervention in the Iberian Peninsula, an evocation of the holy war spirit that justified, in ideological terms, such an action and the dynasty itself (Cressier, 2012, p. 65-79). The position of such a building, almost in the water, would certainly reinforce the will to advance beyond the Strait of Gibraltar in order to recover the lost splendour of al-Andalus (figure 1).

The recently obtained archaeological data reinforce this theory, ruling out the hypothesis of a Portuguese authorship of this construction (Moreira, 1989, p. 123). Moreover, the urban wall, where some cleaning interventions were recently carried out, shows a clear formal homogeneity and an identical curvature, composing the circular perimeter above referred to. The round towers adjoined to it are also very similar, excepting some very particular cases of Portuguese renovation, which are clearly documented. Therefore, the consistency between Ibn Abi Zar's documentary reference and the archaeological evidence on the origin of the first tower to the southwest of Bab Bahar and its corresponding wall section, along with the homogeneity and geometry of the defensive system, lead us to conclude that the construction of the urban wall and its round towers was executed during this particular period.

The actions of the Portuguese in this space were also clearly documented in this archaeological sondage. Domestic refuse from the Marinid period was deposited on top of the referred pavement giving access to the tower of the urban wall, namely a series of sediments with a large quantity of ceramics from the end of the 14th and the beginning of the 15th century; all shards could be refitted, thus the assemblage corresponds to a single deposition moment (El-Boudjay *et al.*, 2016, p. 177-184). These deposits also included small and medium sized stones, roofing tiles, bricks, tiles, mortar nodules, coals, a large amount of faunal remains, metal objects, in short, vestiges of dwellings that arguably existed in the vicinity and were destroyed when the Portuguese arrived.

The fact that the overwhelming majority of the recovered materials corresponds to the Marinid period,

O facto de a esmagadora maioria dos materiais presentes corresponder a época merínida e só muito residual e superficialmente à época portuguesa, assim como o grau de integridade do espólio islâmico, conduz-nos a pensar que esta operação de destruição dos espaços preexistentes pelos novos ocupantes terá ocorrido pouco tempo após a conquista de 1458. Não se concebe de onde poderão os portugueses ter extraído tal pacote sedimentar senão numa fase inicial da sua presença neste espaço, quando ainda havia detritos bastante íntegros dos antigos ocupantes a preencher habitações ou outros edifícios. Em unidades domésticas deste sítio arqueológico, o uso de espaços preexistentes pelos portugueses ao longo de algumas décadas acarretou que, aquando da sua colmatação para construção de novas estruturas, uma parte importante dos dejectos fosse já de época portuguesa (Teixeira *et al.*, 2016, p. 85-95).

No mesmo momento em que realizaram o alçamento desta área do espaço urbano, os portugueses preencheram o compartimento existente no nível inferior da torre da cerca, eliminando naturalmente o seu acesso, que foi bloqueado com terra e pedras. Destaque-se a este propósito a referência documental incluída no programa de construção do castelo português de Alcácer Ceguer: o regimento de 20 de Dezembro de 1508 prescrevia que “todos os torreses que o muro da dita vila tiver, se entulharão das abóbadas debaixo de terra” (Correia, 2008, p. 464). Tratava-se de uma solução destinada ao reforço das estruturas militares face à possibilidade de uso extensivo de armas de fogo pelos oponentes. O registo arqueológico não parece, contudo, permitir esta associação com a ordem régia, que será mais tardia. Na verdade, o facto do monarca português prescrever globalmente este tipo de solução nos primeiros anos do século XVI não implica que ela não fosse utilizada já em época anterior. No caso que aqui nos ocupa, o aterro pode ter sido coevo das obras de “reforma dos muros da vila de Alcácer”, empreendidas nas décadas seguintes à conquista sob a direcção dos mestres-de-obras Rui Lourenço e Rodrigo Anes, o primeiro em 1459, o segundo a partir de 1473 (Dias, 1999, p. 22).

A ABERTURA DA PORTA DA RIBEIRA

Algures durante a ocupação portuguesa de Alcácer Ceguer o troço da cerca urbana a Noroeste da vila, entre a primeira e a segunda torre circular a Sudoeste do castelo, foi descontinuado para implantação de uma nova porta no burgo, que comunicava com a orla fluvial (figura 5). Da sua moldura, constituída por silhares bem talhados, preservavam-se apenas duas fiadas, a primeira com 47,5 cm de altura (dois palmos, segundo a métrica portuguesa coeva), a segunda com 33 cm (correspondente a um pé ou palmo e meio). O acesso tinha 1,65 m de largura (uma vara e meia), mais reduzido que as outras duas portas reconhecidas da ocupação portuguesa, a do Baluarte da Porta da Vila, que ligava o

with only very residual and superficial materials from the Portuguese period, as well as the degree of integrity of the Islamic assemblage, suggests that this operation of destruction of the pre-existing spaces by the new occupants occurred shortly after the 1458 conquest. It is not conceivable how the Portuguese might have obtained such a sedimentary package if not at an early stage of their presence in this space, when there was still a significant amount of intact debris from the former inhabitants, filling the former dwellings or other buildings. Regarding the domestic units of this archaeological site, the use of pre-existing spaces by the Portuguese over a number of decades meant that, at the time of their infilling for the construction of new structures, an important part of the refuse was already from the Portuguese period (Teixeira *et al.*, 2016, p. 85-95).

When this part of the urban space was uplifted, the Portuguese also filled in the compartment located at the lower level of the wall tower, naturally eliminating its access, which was blocked with dirt and stones. In this regard, the documentary reference included in the construction programme of the Portuguese castle of Ksar Seghir should be highlighted: the December 20th, 1508 ordinance stipulated that “all the towers of the town wall must have their vaults filled in” (Correia, 2008, p. 464). This solution aimed at strengthening the military structures due to the possibility of an extensive use of firearms by the opponents. However, the archaeological record does not seem to support this association with the aforementioned regal order, probably issued afterwards. Indeed, the fact that the Portuguese monarch globally prescribed this type of solution in the first years of the 16th century does not necessarily mean that it was not used previously. In the case we are dealing with here, the landfill may have been contemporaneous with the “renovation of the walls of the town of” Ksar Seghir undertaken in the decades following the conquest, under the direction of the master builders Rui Lourenço and Rodrigo Anes, the former in 1459, the latter from 1473 onwards (Dias, 1999, p. 22).

THE CONSTRUCTION OF THE PORTA DA RIBEIRA

At some point during the Portuguese occupation of Ksar Seghir, the section of the urban wall located to the northwest of the town, between the first and the second circular towers to the southwest of the castle, was pulled down for the construction of a new gate, which gave access to the riverfront (figure 5). Only two rows of its structure, made of well-shaped ashlar, were preserved; one of the rows is 47,5 cm in height and the other is 33 cm in height. This gate was 1,65 m wide, smaller than the other two gates ascribed to the Portuguese occupation, the Baluarte da Porta da Vila [Town gate bastion], which connected the castle and the burg, and the Baluarte da Porta de Ceuta [Ceuta

castelo e o burgo, e a do Baluarte da Porta de Ceuta, o principal acesso ao exterior da posição portuguesa voltado a Leste, ambas com sensivelmente 2,20 m de largura (duas varas, ou uma braça).

A estruturação destes três acessos era, porém, muito idêntica. Deveriam todos suportar um arco de volta perfeita, que apenas se conserva no Baluarte da Vila com 3,30 m de altura (uma braça e meia, segundo Cruz, 2015, p. 135), mas que pode ser intuída pelos silhares de arcos tombados identificados no derrube desta porta ribeirinha, na sondagem E3N17-E4N17, mesmo antes de um futuro trabalho de reconstituição.

Na parte interna do acesso ribeirinho existia uma porta de batente, suportada em dois gonzos metálicos, alargando-se a sua moldura para o interior, permitindo maior abertura das duas tábuas. Pelos exemplos da Porta de Ceuta e do Baluarte da Vila, cremos que a porta ribeirinha seria travada através de uma viga de madeira, que se introduzia em dois orifícios quadrangulares existentes dos dois lados da estrutura. Na parte externa existia uma porta que corria na vertical, as denominadas “portas de alçapão”, que o citado regimento de 20 de Dezembro de 1508 preconizava para todos os novos acessos que se viessem a fazer no quadro daquela campanha de obras (Correia, 2008, p. 465). Refira-se que a Porta de Ceuta tinha ainda uma ponte levadiça, segundo o levantamento efectuado em 1514 (Farinha, 1990, III, p. 405), permitindo ultrapassar o fosso que rodeava

gate bastion], the main access to the exterior of the Portuguese stronghold, facing east; both gates were approximately 2,20 m wide.

The structure of these three gates was very identical, all of them featuring round arches. Actually, only one arch was preserved, at the Porta da Vila; it is 3,30 m high (according to Cruz, 2015, p. 135). Still, their presence can be inferred from the ashlarls belonging to fallen arches identified in the collapse of this riverfront gate, in sondage E3N17-E4N17, even prior to a future reconstitution project.

In the internal part of the riverine access there was a hinged gate, with two metallic hinges; its frame extended inwards, allowing for a wider opening of the two leafs. Judging from the examples of the Porta de Ceuta and the Porta da Vila, we believe that this riverside gate would be locked by means of a wooden beam, which was inserted into two quadrangular holes on both sides of the structure. On the external part there was a sliding gate, in the manner of a portcullis, the so-called “portas de alçapão”, which the aforementioned December 20th, 1508 ordinance prescribed for all new gates to be constructed in the scope of that series of works (Correia, 2008, p. 465). The Porta de Ceuta also had a drawbridge, according to a survey carried out in 1514 (Farinha, 1990, III, p. 405), over which the gap that partially surrounded the fortification could be crossed (Redman, 1986, p. 147). This solution was not used in the other two gates, although it had been prescribed for the Porta da Vila (Cruz, 2015, p. 123).



5. Porta da Ribeira vista de Este, após a escavação da sondagem E3N17-E4N17, em 2015.
Porta da Ribeira seen from the east, after the excavation of sondage E3N17-E4N17, in 2015.

parte da fortificação (Redman, 1986, p. 147), solução que não foi utilizada nos outros dois casos, embora tivesse sido preconizada para o Baluarte da Vila (Cruz, 2015, p. 123).

No lado externo da porta ribeirinha as molduras eram chanfradas, conservando-se no flanco Norte, junto ao solo, um elemento decorativo esculpido, eventualmente a cabeça de um animal (figura 6), numa composição datável de inícios de Quinhentos. Refira-se que também na porta do Baluarte da Vila se observa um motivo decorativo esculpido, bem diverso deste referido, mas em posição assaz idêntica. Comuns a estas duas estruturas são as marcas de canteiro, nomeadamente uma delas. Na porta ribeirinha surgem três marcas: uma geométrica, com uma elipse e uma esfera; outra com um hipotético "vº", possível abreviatura de Vasco; e, por fim, um "Pº", provável abreviatura de Pêro ou Pedro (figura 7). Esta última, embora com orientação distinta, é idêntica à que subsiste no paramento interno do Baluarte da Vila, emoldurando a bombardeira existente junto ao vértice Nordeste.

Quanto à soleira, a porta ribeirinha era revestida por pedras de pequena a grande dimensão, irregularmente talhadas e dispostas com algum desnível; a zona de impacto da porta de alçapão encontrava-se mais erodida, faltando-lhe algumas pedras. Apresentava assim uma solução construtiva mais pobre que os outros dois acessos referidos: a Porta de Ceuta era integralmente revestida por lajes bem talhadas, regularmente

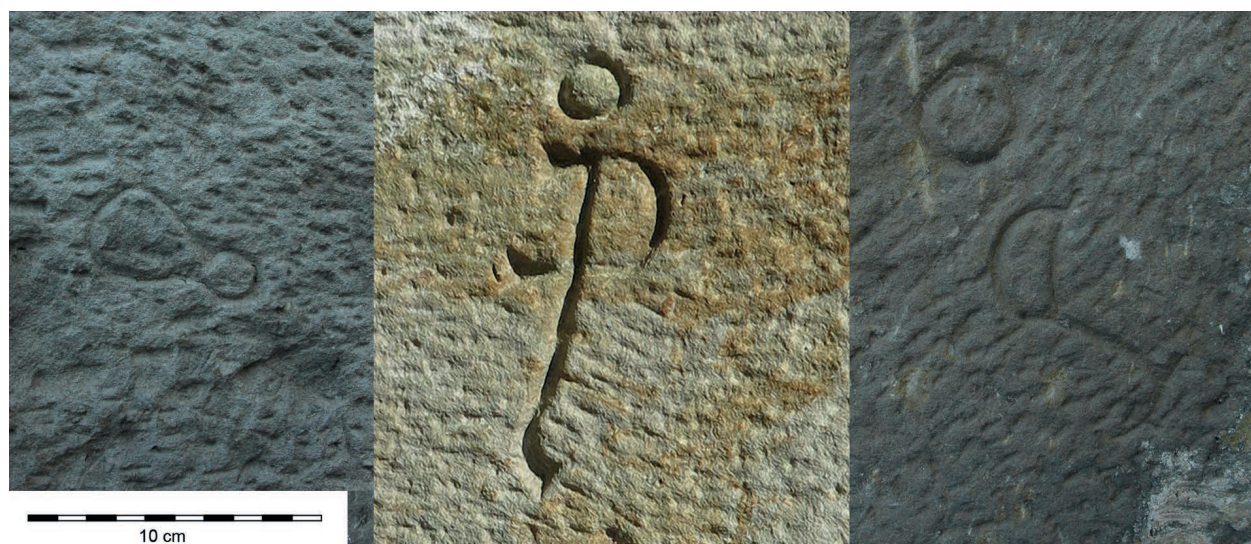
The riverine gate's frame was bevelled on the external side, and a sculpted decorative element, possibly the head of an animal, was preserved on the northern flank, close to the ground (figure 6); this composition probably dates from the early 1500s. Furthermore, the Porta da Vila also features a sculpted decorative motif, quite different from the former one, but in a quite identical position. Moreover, these structures feature mason's marks, one of which appears on both of them. Three marks can be seen on the riverine gate: a geometric one, with an ellipse and a sphere; another one with a hypothetical "vº", the possible abbreviation of Vasco; and, finally, a "Pº", probably an abbreviation of Pêro or Pedro (figure 7). The latter is identical to the one that still exists on the inner facing of the Porta da Vila, framing the gun embrasure located close to the northeast vertex.

Regarding the sill, the riverine gate was overlaid with small to large sized stones, irregularly shaped and laid in a somewhat uneven arrangement; the impact zone of the portcullis was more eroded and some stones were missing. It thus featured a poorer construction solution as compared to the two other aforementioned gates: the Porta de Ceuta was entirely overlaid by well-shaped slabs, regularly arranged, particularly homogenous in the impact zone of the portcullis; the Porta da Vila also featured more regular slabs, although with a depression in the centre, certainly intended for the drainage of rainwater.



6. Face Oeste da Porta da Ribeira, com pedra chanfrada e motivo decorativo animal esculpido, em 2017.

Western face of the Porta da Ribeira, showing the bevelled stone and the sculpted decorative animal motif, in 2017.



7. Marcas de canteiro detectadas nos escombros da Porta da Ribeira, em 2015.
Mason's marks identified in the rubble from the Porta da Ribeira, in 2015.

dispostas, particularmente homogéneas na zona de batente da porta de alçapão; a Porta do Baluarte da Vila possuía também lajes mais regulares, embora com uma depressão ao centro, certamente destinada à drenagem de águas pluviais.

Enfim, as semelhanças entre a porta agora descoberta e as outras duas já documentadas são, pois, assinaláveis, não obstante as dimensões mais reduzidas e o menor cuidado no tratamento dos materiais empregues. Ora a porta do Baluarte da Vila é uma construção ordenada pelo já citado regimento de 20 de Dezembro de 1508, executando-se nos anos imediatos (Cruz, 2015, p. 123-125). Já o Baluarte da Porta de Ceuta foi iniciado aquando da chegada do mestre-de-obras Francisco Danzilho a Alcácer Ceguer em 1511, estando no essencial construído em 1514, quando estes trabalhos foram objecto de verificação por parte do mestre-de-obras da Coroa, Diogo Boytac (Correia, 2008, p. 163-166), provável autor do caderno de encargos e responsável pelas construções então realizadas nesta região setentrional de Marrocos (Moreira, 1989, p. 122).

Do ponto de vista meramente tipológico seria, pois, tentador inserir a construção desta porta ribeirinha nesta mesma campanha de obras da primeira metade da segunda década de Quinhentos, embora a sua edificação não seja preconizada em nenhum dos documentos conhecidos. Claro que também seria sugestivo associá-la aos depósitos arqueológicos que cobria e que, como referimos acima, apontam para uma cronologia mais recuada, dos primeiros decénios da ocupação portuguesa da vila. Contudo, nada impede que os referidos aterros tenham sido depositados no processo de renovação das muralhas islâmicas pelos portugueses, abrindo-se o acesso ao rio neste flanco apenas meio século depois. De facto, a datação desta porta relaciona-se intimamente com a questão da comunicação entre o burgo e o meio aquático ao longo dos séculos, que nos ocupará nas linhas que se seguem.

Finally, the similarities between the newly discovered gate and the two previously documented gates are therefore remarkable, despite the smaller dimensions and lesser care in the treatment of the materials used in the construction of the former. The Porta da Vila was ordered by the aforementioned December 20th, 1508 ordinance and was built in the following years (Cruz, 2015, p. 123-125). The construction of the Porta de Ceuta started when the master builder Francisco Danzilho arrived in Ksar Seghir in 1511, and was essentially completed in 1514, when these works were inspected by the Crown's master builder, Diogo Boytac (Correia, 2008, p. 163-166), the probable author of the specifications and construction works that took place in this northern region of Morocco (Moreira, 1989, p. 122).

From a merely typological point of view, it would be tempting to include the construction of this riverine gate in the works carried out during the first half of the second decade of the 1500s, although its erection is not referred to in any of the known documents. Of course, it would also be suggestive to associate it with the archaeological deposits it covered and which, as we mentioned above, point to an older chronology, from the first decades of the Portuguese occupation of the town. However, the aforementioned landfills could have been deposited during the process of renovation of the Islamic walls by the Portuguese and the access to the river on this side could have only been opened half a century later. In fact, the dating of this gate is closely related to the issues concerning the communications between the town and the aquatic environment over the centuries, which we will be addressing in the following lines.

The survey of the Islamic circular wall, which as we pointed out above dates from the end of the 13th century, involved the construction of the Bab Bahar, the gate that gave access to the sea, as its name indicates (figure 8). It measured 21,5 x 14 m and consisted of two chambers, a vaulted and an open-aired one, arranged

O levantamento da muralha circular islâmica, que como apontámos acima datará de finais do século XIII, implicou a construção da Bab Bahar, a porta que assegurava a ligação ao mar, como indica a sua designação (figura 8); com 21,5 x 14 m, composta por duas câmaras, uma abobadada, outra a céu aberto, descrevendo um acesso em cotovelo, possuía um esplendor arquitectónico e decorativo assinalável (Redman, 1986, p. 55-56; Cruz, 2015, p. 75-77). No ano seguinte à conquista portuguesa, procurando obviar os constrangimentos na comunicação entre a fortificação e as armadas, começou a erguer-se uma *couraça* entre esta porta islâmica e a praia, basicamente a estrutura que ainda hoje subsiste, embora prolongada e alteada no início de Quinhentos, tendo-se provavelmente bloqueado desde logo a serventia exterior da Bab Bahar (Dias, 1999, p. 22; Cruz, 2015, p. 77 e 85-89).

A partir de 1460 a Bab Bahar foi seguramente encerrada e convertida em aposento do capitão da vila, como testemunha o lacónico relato de Zurara, colhido em Alcácer Ceguer uma década depois da tomada, mas também o mencionado regimento de 20/12/1508, que prescrevia as obras a fazer sob a direcção do mestre Pêro Vaz. O primeiro justifica que “porque naquela vila não havia casas em que ele [o capitão] se pudesse alojar, todo o mês de Setembro entendeu em mandar fazer uns paços mui nobres com que afortalezou

in an angled access, with a remarkable architectural and decorative splendour (Redman, 1986, p. 55-56; Cruz, 2015, p. 75-77). In the year following the Portuguese conquest, seeking to overcome the constraints in the communications between the fortification and the armadas, a *couraça* was constructed between this Islamic gate and the beach. It basically corresponds to the structure that still exists nowadays, although it was extended and raised in the early 1500s, probably blocking the external access of the Bab Bahar (Dias, 1999, p. 22; Cruz, 2015, p. 77 and 85-89).

From 1460 onwards, the Bab Bahar was certainly closed and converted into the quarters of the captain of the town, as evidenced by Zurara’s laconic report, compiled in Ksar Seghir a decade after the conquest, but also by the aforementioned December 20th, 1508 ordinance, which stipulated the works to be carried out under the direction of the master builder Pêro Vaz. According to Zurara, “because in that town there were no houses fit to accommodate the captain, he decided, during the month of September, to order the construction of a very noble palace, thus strengthening and embellishing the castle of the walled town” (Zurara, 1978, p. 235). The reference is imprecise and raises an unsolved issue: the possible existence of an Islamic kasbah, a walled perimeter other than the circular curtain of the medina. When referring to the first siege laid against the town by the King of Fez in the



8. Vista aérea de Alcácer Ceguer em 1977, a partir de Oeste. À esquerda vê-se a Bab Bahar circundada pelo castelo português, assim como o arranque da *couraça* marítima. Em baixo, o leito fluvial e a orla ribeirinha. © C. L. Redman, Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir
Aerial view of Ksar Seghir in 1977, from the west. Left, the Bab Bahar surrounded by the Portuguese castle and the start of the maritime *couraça*. Bottom, the riverbed and the riverfront. © C. L. Redman, Conservation du Site Archéologique de Ksar Seghir

e aformosou o castelo da vila” (Zurara, 1978, p. 235). A referência é imprecisa e lança uma questão nunca resolvida: a da eventual existência de uma alcáçova islâmica, perímetro muralhado distinto da cortina circular da medina. Quando refere o primeiro cerco do rei de Fez à vila, nos derradeiros meses de 1458, Zurara distingue claramente a “porta do castelo” e os “muros da vila” (1978, p. 131). A que se referiria Zurara nos anos de 1470, para mais relatando factos ocorridos logo após a conquista, quando designa o castelo de Alcácer Ceguer?

Quanto ao documento de 1508 (Correia, 2008, p. 463-464), é claro ao identificar os aposentos do capitão com a antiga Bab Bahar, ao ordenar a sua reestruturação e uma série de construções que seriam feitas em seu redor. Por um lado, deveriam entulhar-se os “arcos mouriscos sobre que o dito aposento está fundado”, para tornar a estrutura mais robusta, um enchimento que ainda hoje se atesta. Por outro, determina a construção de uma “barreira que cerque as casas do aposento do capitão”, que hoje se identifica com as cortinas que compõem o castelo. Por último, as normativas para a erecção de uma torre de menagem, que se devia fazer “da parte da *couraça* [...] afastada do dito aposento tanto que se não possa servir senão por uma ponte levadiça”, apontam também para a identificação da casa do capitão com a antiga Bab Bahar. Digase que os planos iniciais para aquela torre acabaram por ser alterados, fazendo coincidir a casa do capitão com a mencionada torre de menagem, de que não restam contudo vestígios (Cruz e Correia, 2016, p. 150).

Na sua judiciosa tese de mestrado sobre o castelo de Alcácer Ceguer, Sérgio Cruz analisa a possibilidade de ter sido aberta desde logo uma porta que assegurasse a comunicação entre este reduto defensivo e a zona fluvial, já que a *couraça* terminaria sobre o mar, ou próximo dele. Este espaço ribeirinho conduzia, aliás, a uma ponte que atravessava o rio Laksar, amiúde referida por Zurara. O portal emparedado com arco de volta perfeita, com 1,76 m de largura (8 palmos), visível nos dois flancos da muralha Oeste da *couraça* junto da zona de amarração com o castelo, poderia ter sido “uma versão inicial da Porta da Ribeira” (Cruz, 2015, p. 89). A este primitivo acesso ribeirinho ter-se-ia sucedido um outro, rasgado na parede Noroeste do perímetro do castelo português logo após a sua construção, possibilidade que aquele autor lança, embora não deixando de notar a estruturação dissonante deste acesso face aos demais abertos aquando da campanha de obras ditada pelo regimento de 1508 (Cruz, 2015, p. 135). Na verdade, esta é a área mais profundamente modificada do recinto, com restauros contemporâneos que modificaram significativamente o aparelho.

A documentação disponível não responde cabalmente à questão. Com efeito, não existe qualquer referência à Porta da Ribeira anterior a 1514, no já citado *auto de medição* das obras de Francisco Danzilho. Contudo, o regimento de 1508, quando traça o perímetro do

late months of 1458, Zurara clearly distinguishes between the “castle gate” and the “town walls” (1978, p. 131). What was Zurara referring to in the 1470s, as he described the events that took place shortly after the conquest, when he mentioned the Ksar Seghir castle?

As to the 1508 document (Correia, 2008, p. 463-464), the quarters of the captain are clearly identified as the former Bab Bahar in the instructions for its restructuring and for a series of constructions that should be built around it. On one hand, the “Moorish arches upon which the said quarters were built” should be filled with rubble, to make the structure more robust; this infill can still be seen nowadays. On the other hand, a “wall surrounding the captain’s quarters” should be built; this “wall” is currently considered to correspond to the curtain walls of the castle. Finally, the guidelines for the construction of a keep, which should be built “on the side of the *couraça* [...] away from the said quarters and only accessible by a drawbridge”, also indicate that the house of the captain was indeed the former Bab Bahar. It should be said that the initial plans for the keep ended up being changed: the house of the captain was installed in the aforementioned keep, of which, however, no vestiges remain (Cruz and Correia, 2016, p. 150).

In his judicious master’s thesis on the castle of Ksar Seghir, Sérgio Cruz analyses the possible early construction of a gate that would have ensured the communications between this defensive redoubt and the river area, since the *couraça* would end on the sea, or close to it. In fact, this riverine space led to a bridge that crossed the Laksar River, often referred to by Zurara. The walled portal featuring a 1,76 m wide round arch, visible on the two sides of the *couraça*’s western wall, close to the area where it joins the castle, could have been “an initial version of the Porta da Ribeira” (Cruz, 2015, p. 89). Another riverine access was probably built later on, in the northwest wall of the perimeter of the Portuguese castle and soon after its construction, a possibility suggested by the author, although he does notice the dissonant structuring of this access when compared to the other gates built during the works included in the 1508 ordinance (Cruz, 2015, p. 135). In fact, this is the most profoundly modified area of the enclosure, due to the contemporary restorations that have significantly modified its fabric.

The available documentation does not fully answer the question. Actually, there is no reference to the Porta da Ribeira prior to 1514, already in the aforementioned *auto de medição* of Francisco Danzilho’s works. However, according to the 1508 ordinance, the perimeter of the castle that was to be built around the former Bab Bahar “shall begin on the corner of the town’s barbican and its gate, which leads to the bridge and straight through the town wall” (Correia, 2008, p. 463). Clearly referring to the western flank of the future enclosure, this description corresponds to the nowadays clearly recognizable layout of the castle wall, with the barbican and the urban wall being superposed next to the

castelo a erguer em torno da antiga Bab Bahar, refere que ele “começará num través que a barreira da [vila] faz junto com a porta que dela sai para a ponte e corta direito pelo muro da dita vila” (Correia, 2008, p. 463). Referindo-se claramente o flanco ocidental do futuro recinto, enuncia-se um percurso hoje claramente reconhecível da muralha do castelo, sobrepondo barbacã e cerca urbana, junto da porta agora documentada. Em nosso atender este trecho do regimento aponta para a existência desta porta ribeirinha antes de 1508, até porque nenhuma das hipóteses avançadas por Sérgio Cruz para a localização do acesso ao rio é compatível com esta descrição. Note-se que isto não contraria a existência de um acesso ribeirinho a partir do muro Oeste da *couraça* logo desde 1460, como se referiu, mas reduz a consistência da realocação desta serventia no flanco Noroeste do castelo a partir de 1508, até pela natureza dissonante dos vestígios. A porta ribeirinha agora encontrada pode mais claramente ser identificada com aquelas referências documentais de inícios de Quinhentos.

No auto de medição de 1514 a Porta da Ribeira é referida a propósito da “*couraça nova*”, que consistia basicamente no prolongamento de uma torre circular da cerca islâmica em direcção ao rio, conferindo-lhe uma forma em U. Dela ainda restam vestígios, sensivelmente a meia distância entre o muro sudoeste do castelo e a Bab Fas, a antiga porta do burgo voltada àquele flanco. Naquele documento a implantação deste novo bastião é clara “entre a Porta da Ribeira e onde se acaba a cava” (Farinha, 1990, IIII, p. 412), referências mais próximas da estrutura, tanto num como noutro flanco, facilmente identificáveis. Das cinco bombardeiras do nível superior da nova estrutura, uma disparava “para uma banda, por entre a barreira e o muro e contra a Porta da Ribeira, e a outra para a outra parte” (Farinha, 1990, IIII, p. 414), ficando evidente os propósitos da nova construção de bater a liça ribeirinha do burgo. Noutra passagem também é clara a relação do achado que agora revelamos com a Porta da Ribeira: descrevendo-se o corredor que comunicava a velha *couraça* marítima e o castelo, ainda hoje preservado, refere-se uma escada que descia dele até “o outro baluarte que está contra a Porta da Ribeira”, sendo que anteriormente se aludira ao “baluarte que Francisco Danzino aí fez” (Farinha, 1990, III, p. 420). Se neste caso se referia indubitavelmente o ângulo Nordeste daquele perímetro fortificado, o Baluarte da Praia, naquele referia-se ao flanco Noroeste, que se projectava efectivamente para aquela serventia ribeirinha.

A BARBACÃ

Os dados arqueológicos obtidos para a datação da barbacã de Alcácer Ceguer são escassos. Refira-se que este é um tipo de estrutura frequente em fortificações islâmicas baixo-medievais, mas foi também erguida pelos portugueses em construções dos séculos XV e XVI (Monteiro, 1999, p. 86-92). A estrutura preserva-se entre a face exterior Sudoeste do castelo

newly identified gate. In our opinion, this section of the ordinance denotes the existence of this riverine gate prior to 1508, since none of the hypotheses put forward by Sérgio Cruz concerning the location of the access to the river is compatible with this description. Still, this does not contradict the existence of a riverine access from the western wall of the *couraça* already since 1460, as mentioned above, but diminishes the consistency of the relocation of this access on the north-western flank of the castle from 1508 onwards, even due to the dissonant nature of the remains. The newly discovered riverine gate is more consistent with those documental references from the early 1500s.

The Porta da Ribeira is referred to in the 1514 *auto de medição*, on the subject of the “new *couraça*”, which basically consisted of the extension of a circular tower of the Islamic urban wall towards the river, giving it a U-shape. Some of its vestiges still remain, roughly halfway between the south-west wall of the castle and the Bab Fas, the former town gate of this flank. In the said document, the location of this new bastion is quite clear: “between the Porta da Ribeira and the end of the moat” (Farinha, 1990, IIII, p. 412). These references are closer to the structure, on both flanks, and are easily identifiable. Of the five gun embrasures located on the upper level of the new structure, one fired “to one side, between the barbican and the wall, and at the Porta da Ribeira, and the other one fired to the other side” (Farinha, 1990, IIII, p. 414). Thus, the purposes of the new construction become quite evident: battering the area between the barbican and the urban wall. Another part of the text also clarifies the relation of the discovery revealed hereby with the Porta da Ribeira: the description of the corridor that connected the old maritime *couraça* and the castle, still existing nowadays, refers to a staircase that descended from the corridor to “the other bastion lying against the Porta da Ribeira”, with a previous allusion to the “bastion that Francisco Danzilho made there” (Farinha, 1990, III, p. 420). The latter undoubtedly refers to the northeast angle of the fortified perimeter, the Baluarte da Praia [Beach bastion], while the former refers to the northwest flank, which was indeed a projection towards that riverine access.

THE BARBICAN

The archaeological data available for the dating of Ksar Seghir’s barbican are scarce. This type of structure is frequent in early medieval Islamic fortifications, but was also used by the Portuguese in 15th and 16th-century buildings (Monteiro, 1999, p. 86-92). The barbican is preserved between the south-western outer face of the castle and the eighth circular tower of the urban wall to the south, to which it is addorsed (figure 2). This configuration perfectly matches the survey of the fortification carried out in 1514 (Farinha, 1990, III, p. 397). It is clear that the original layout of the barbican surrounded the entire

e o oitavo torreão circular da cerca para Sul, onde entesta (figura 2). Esta configuração é perfeitamente coincidente com o levantamento da fortificação efectuado em 1514 (Farinha, 1990, III, p. 397). É evidente que o percurso original da barbacã circundava todo o burgo, tendo sido derrubada aquando da construção do alambor e consolidação com pedra da contra-escarpa do fosso, obra executada entre 1511 e 1514. No exame dos trabalhos então realizados indica-se claramente que se “derribou a barreira velha sobre que se fez fundamento de se fazer a outra obra”, referindo-se ao Baluarte da Porta de Ceuta, explicitando-se adiante que “Francisco Danzino desfez [a Bab Sabta] quando desfez a barreira” (Farinha, 1990, III, p. 405-406).

A evidente anterioridade da barbacã face à construção do castelo está plasmada no paramento Sudoeste deste recinto defensivo, onde esta cortina bem como a cerca da vila estão sobrepostas e absorvidas pela fortificação portuguesa (figura 9). Um exame atento deste alçado permite ainda detectar três momentos construtivos da barbacã, ambos usando como materiais de construção pedra de pequena a média dimensão unida por argamassa com forte presença de cal, sendo os paramentos revestidos com reboco (figura 10): um primitivo, na base, composto por um muro de 90 cm de largura; outro, sobreposto ao anterior no alinhamento do paramento Oeste, com 45 cm de espessura; e, finalmente, um mais recente, que consiste no espessamento deste último muro na sua face interna, formando um talude. Não é possível, porém, no actual estado dos conhecimentos, datar estas fases da estrutura.

Os testemunhos escritos portugueses dão resposta satisfatória no que toca à origem da barbacã, já que o relato dos dois cercos do rei de Fez em 1458 e 1459 tem abundantes referências a esta estrutura. A título de exemplo, refira-se o episódio ocorrido em Novembro de 1458, quando a armada do rei de Portugal estava na baía de Alcácer Ceguer. O capitão da vila decidiu colocar “alguma gente na barreira com muitas bestas e artilharia, para quando a disposição do tempo chegasse poderem fazer dano a seus contrários”; esta estrutura existia claramente na frente marítima, porque “os mouros ficaram em meio entre os do mar e da vila” (Zurara, 1978, p. 142). Noutra passagem refere-se expressamente a “barreira da parte do mar” (Zurara, 1978, p. 161). Não é crível, pois, que os portugueses tivessem erguido este dispositivo defensivo nos dois meses que mediaram a conquista e aquele primeiro cerco, sendo ainda estranho que obra tão volumosa não merecesse menção nas crónicas, ao contrário do que sucede com trabalhos bem menores. É, pois, evidente que a barbacã, pelo menos na sua primitiva forma, foi erguida algures antes de 1458 durante o domínio islâmico, não sendo possível precisar por ora a sua data de fundação.

É evidente, igualmente, que a barbacã conheceu alterações durante o domínio português. Na sondagem E2N17, bem como na escavação em extensão

town and it was later brought down during the construction of the talus and the stonework consolidation of the counterscarp of the moat, executed between 1511 and 1514. The assessment of the works carried out at the time clearly indicates that “the old barbican was brought down and used for the foundations of another construction”, and further explains that “Francisco Danzilho demolished the Bab Sabta when he dismantled the barbican” (Farinha, 1990, III, p. 405-406).

The fact that the barbican obviously predates the construction of the castle is reflected in the facing of the south-western wall of this defensive enclosure, where this curtain, as well as the town's wall, was overlaid and absorbed by the Portuguese fortification (figure 9). A careful examination of this elevation also allows for the identification of the barbican's three construction moments, always using small to medium sized stones joined with lime-rich mortar; the walls were clad with plaster (figure 10): a primitive one, at the base, measuring 90 cm in width; a second one, 45 cm thick, overlying the previous in the alignment of the western wall; and, finally, a more recent one, which consists in a thickening of this last wall on its internal face, forming a slope. However, in the current state of our knowledge it is not possible to date these phases of the structure.

The Portuguese written testimonies provide a satisfactory answer regarding the origins of the barbican. The account of the two sieges laid by the King of Fez in 1458 and 1459 includes abundant references to the barbican. For example, the November 1458 event, when the armada of the king of Portugal was in the bay of Ksar Seghir. The captain of the town decided to place “some people in the barbican with many crossbows and artillery, so they could attack the enemy at the right moment”; this structure clearly existed on the seafront, because “the Moors were caught between the troops deployed on the sea side and those deployed on the town side” (Zurara, 1978, p. 142). In another passage the “barbican on the sea side” is expressly referred to (Zurara, 1978, p. 161). It is not plausible, therefore, that the Portuguese raised this defensive structure in the two months between the conquest and that first siege. Moreover, it is unlikely that such a sizeable construction did not deserve some mention in the chronicles, contrary to what happened with much smaller works. Thus, it is evident that the barbican, at least in its primitive form, was built sometime before 1458, during the Islamic rule, but, for the time being, it is not possible to specify its foundation date.

It is also clear that the barbican underwent changes during the Portuguese period. In the E2N17 sondage, as well as in the extensive excavation of the entire area, we detected a section of this curtain with a length of 13 m and a thickness of 1,25 m, consisting of the above referred small to medium size stone masonry joined with lime-rich mortar. In 1514, this structure was described as being made of “stone and clay”



9. A barbacã em 2017: estruturas arqueológicas, incluindo a respectiva porta, ao centro; negativo no paramento Sudoeste do castelo português, à esquerda. Ao fundo, a Porta da Ribeira.
The barbican in 2017: centre, archaeological structures, including the respective gate; left, a negative on the southwest facing of the Portuguese castle. The Porta da Ribeira can be seen in the background.



10. Negativo da barbacã no paramento Sudoeste do castelo português em 2017, vendo-se as suas duas fases de construção.
Negative of the barbican on the southwest facing of the Portuguese castle, in 2017, showing its two construction phases.

de toda a área, detectámos um troço desta cortina com 13 m de comprimento e 1,25 m de espessura, compondo-se da referida alvenaria de pedra de pequena a média dimensão unida por argamassa com forte componente de cal. Em 1514 esta estrutura foi descrita como sendo “de pedra e barro” (Farinha, 1990, III, p. 405). O seu coroamento, de que não nos chegaram vestígios, conheceu também transformações. No Verão de 1459, durante o cerco à vila, as tropas atacantes “derrubaram um pedaço do peitoril da barreira” (Zurara, 1978, p. 202). Em data anterior a 1502 a parte cimeira da estrutura foi reformulada, já que neste ano se referem obras noutro sector da vila, recomendando-se que as ameias fossem feitas “da feição das da França, como as que se fizeram na barreira da dita vila” (Correia, 2008, p. 460). O investimento na reformulação do topo da cortina deveu-se seguramente ao desejo de melhorar a protecção e a capacidade ofensiva dos defensores, construindo-se ameias de corpo largo, ao modo como então se vinha praticando no Reino (Monteiro, 1999, p. 77-78).

Paralelamente, nos níveis inferiores atingidos nesta intervenção arqueológica da barbacã, foi detectado o embasamento de uma porta (figuras 9 e 11), nomeadamente uma soleira composta por quatro pedras, duas de grandes dimensões nas extremidades laterais, duas menores ao centro, registando-se entre estas um espaço para drenagem de águas; todas as pedras eram bem talhadas e polidas superiormente pelo uso. Nas duas pedras que compunham as extremidades da base da porta observavam-se orifícios para colocação de gonzos metálicos, cuja base ainda se preservava. Era, pois, um acesso mais simples que as demais serventias da vila que referimos, uma vez que aqui não existia a estrutura vertical de porta de alçapão. A abertura desta porta na barbacã islâmica é seguramente um evento contemporâneo da criação da Porta da Ribeira supramencionada. Assim, para viabilizar a criação de uma Ribeira em Alcácer Ceguer e o seu acesso ao burgo, os portugueses terão aberto simultaneamente uma porta na cerca principal e outra na barbacã.

O mesmo sistema organizativo da muralha e barbacã registava-se noutros pontos do burgo, pelo menos logo após a conquista: num combate descrito por Zurara a maior parte dos homens de armas portugueses introduziu-se sigilosamente “na barreira”, esperando sinal para avançar, aguardando “entre as portas, juntos e bem ordenados” (1978, p. 170-171). Deduz-se que neste outro flanco da vila, provavelmente junto à Bab Sabta ou à Bab Fas, existiam duas portas, uma na muralha principal, outra na barbacã. Na segunda década do século XVI esta organização mantinha-se apenas no flanco ribeirinho, aquele que recebera menos obras por parte dos portugueses, seguramente pelo seu menor desafio militar, protegido que estava pelo meio aquático.

Por fim, deve referir-se que a escavação desta área possibilitou a identificação do piso de circulação que conectaria o rio e o burgo (figura 11). Sobre esta calçada

(Farinha, 1990, III, p. 405). Its top, of which we found no trace, also underwent some transformations. In the summer of 1459, during the siege of the town, the attacking troops “knocked down a piece of the barbican’s parapet” (Zurara, 1978, p. 202). The top of the structure was reformulated prior to 1502, since there is a reference, in this year, to works in another sector of the town, and it is recommended that the battlements be made “in the manner of the French ones, like those made for the barbican of the said town” (Correia, 2008, p. 460). The investment in the reformulation of the top of the curtain was certainly due to the desire to improve the protection and the offensive capacity of the defenders, by building broad crenellations, as was common practice by then in the Kingdom of Portugal (Monteiro, 1999, p. 77-78).

At the same time, in the lower levels reached during this archaeological intervention on the barbican, the foundations of a gate were identified (figures 9 and 11), namely a sill composed of four stones, two large ones at the lateral ends and two smaller ones at the centre, with a space for water drainage between them; all the stones were well shaped and their upper surfaces were polished by use. Both stones placed at the ends of the gate’s base feature holes for metallic hinges, whose base was still preserved. Therefore, this gate was simpler than the other accesses to the town that we mentioned before, since here there was no vertical structure for a portcullis. The construction of this gate in the Islamic barbican is certainly a contemporaneous event of the creation of the aforementioned Porta da Ribeira. Thus, to enable the creation of a Ribeira in Ksar Seghir and the corresponding access to the town, the Portuguese simultaneously opened a gate in the main wall and another one in the barbican.

The same organizational system of the wall and barbican was used in other parts of the town as well, at least right after the conquest: in a combat described by Zurara, the majority of the Portuguese men of arms were secretly deployed “in the barbican”, waiting for a sign to advance, “between the doors, close together and in good order” (1978, p. 170-171). It can be deduced that on this flank of the town, probably next to Bab Sabta or Bab Fas, there were two gates, one in the main wall and the other in the barbican. In the second decade of the 16th century this organization remained only on the riverine flank, where fewer works were carried out by the Portuguese, certainly because of its lesser military challenge, as it was protected by the aquatic environment.

Finally, the excavation of this area enabled the identification of the circulation floor that probably connect the river and the town (figure 11). Ceramic objects clearly ascribable to the Portuguese period were found on top of this pavement, encrusted in the stones, confirming the dating of the structure. This pavement was composed of small to medium sized stones, irregularly shaped, many of them rounded by erosion; it started

foram detectados objectos cerâmicos claramente atribuíveis ao período português, incrustados nas pedras, confirmando a datação da estrutura. Era um pavimento composto por pedras de pequena a média dimensão, irregularmente talhadas, muitas delas arredondas por erosão, que partia da soleira da Porta da Ribeira (onde atingia uma largura de 5 m) para Sudoeste em direcção à porta aberta na barbacã (onde se estreitava para 2,5 m). A calçada era estruturada por uma fiada de pedras ao centro, sendo delimitada por outras duas de composição mais regular nos dois lados. Tinha uma pendente com 0,87 m, seguindo um percurso em cotovelo, provavelmente a céu aberto, que vencia o desfasamento entre as duas aberturas. Esta solução arquitectónica, influenciada pela arquitectura militar medieval islâmica, tem profuso paralelo em fortificações portuguesas baixo-medievais (Monteiro, 1999, p. 83-84).

Este tipo de revestimento do espaço público foi globalmente utilizado pelos portugueses na vila, inserindo-se num espírito de higienização, agilização da circulação e embelezamento que dava os primeiros passos no urbanismo português coevo (Rossa, 1995, p. 261). Em Alcácer Ceguer este tipo de via tem paralelo na referida porta do Baluarte da Vila, neste caso lançando uma das ruas que conduzia ao interior do burgo. No caso presente, é de presumir que a via permitisse, de um lado, o acesso directo à orla ribeirinha, tendo-se detectado o seu arranque nessa direcção, de outro, fizesse a comunicação com o centro nevrálgico do burgo, o

from the sill of the Porta da Ribeira (where it reached a width of 5 m) and ran to the Southwest towards the barbican gate (where it narrowed down to 2,5 m). The pavement was structured by a row of stones in the centre, being delimited by two other, more regular rows, one to each side. It had a slope of 0,87 m, following an angled layout, probably not roofed, that overcame the difference in height between the two gates. This architectural solution, influenced by medieval Islamic military architecture, has profuse parallels in early medieval Portuguese fortifications (Monteiro, 1999, p. 83-84).

This type of public space flooring was globally used by the Portuguese in the town, as part of a spirit of hygiene, ease of circulation and embellishment that was taking its first steps in the coeval Portuguese urbanism (Rossa, 1995, p. 261). In Ksar Seghir this type of thoroughfare has a parallel in the gate of the Porta da Vila, where one of the streets that led to the interior of the town starts from. In the present case, it is presumable that this thoroughfare gave, on one hand, direct access to the riverfront (we have identified its start in that direction) and, on the other hand, provided a connection with the neuralgic centre of the town, the public space between the castle and the main church, but so far no evidence supports this hypothesis. It is also interesting to mention the existence of two raised stones in this pavement, one to each side, roughly halfway along the pavement; these stones could have served as safety brakes for the wagons that, certainly loaded and heavy, would use this route.



11. Plano final das escavações arqueológicas na área ribeirinha de Alcácer Ceguer em 2017, vendo-se à esquerda a barbacã e à direita a cerca da vila, com as respectivas portas, assim como a calçada que unia estas duas serventias.
Final plan of the archaeological excavations in the riverine area of Ksar Seghir in 2017. Left, the barbican; right, the urban wall and its gates as well as the pavement connecting both gates.

espaço público entre o castelo e a igreja matriz, hipótese de que não se tem indícios. É ainda interessante mencionar a existência de duas pedras sobrelevadas no percurso desta calçada, de cada um dos lados, sensivelmente a meio do trajecto; estas podiam constituir travões de segurança para as carroças que, seguramente carregadas e pesadas, fizessem este percurso.

A RIBEIRA

O acesso revelado pelos trabalhos arqueológicos corresponde, então, à Porta da Ribeira, uma designação que nos parece merecer reflexão. O termo “Ribeira” equivale a um conceito específico na história portuguesa baixo-medieval e da época moderna, que ultrapassa o significado de “ribeirinho”. Fixou-se como um espaço à beira de água, comum a todos os aglomerados urbanos litorais e fluviais do Império, equipado com instituições e estruturas diversas, correspondendo a uma unidade político-administrativa e socioeconómica (Caetano, 2004, p. 89-93). Com efeito, a Coroa portuguesa foi sentindo crescentemente a necessidade de proteger as suas frotas, desenvolvendo estas Ribeiras como espaços mais ou menos organizados onde se centralizavam as actividades de apresto, construção e reparação naval. A sua fisionomia variava consoante a dimensão e as funções desempenhadas por cada centro urbano, nuns casos implantando-se de raiz, noutros adaptando estruturas pré-existentes. Eram espaços de propriedade régia e funcionavam como plataforma entre o núcleo urbano e o meio aquático. Detinham área de estaleiro naval, armazéns, locais de embarque e desembarque, estruturas de controlo fiscal e fortificações, localizando-se muitas vezes próximas dos edifícios de poder, que assim exerciam controlo sobre este espaço; igrejas e espaços de assistência social e sanitária encontravam-se nas redondezas (Caetano, 2004, p. 76-89). Todas as Ribeiras além-mar tinham semelhanças com as portuguesas, principalmente com Lisboa, que serviu como modelo, consolidando-se como um elemento identitário facilmente reconhecido pelos portugueses (Caetano, 2004, p. 64-69).

Deve, pois, entender-se esta Porta da Ribeira de Alcácer Ceguer como o acesso criado pelos portugueses a uma área seleccionada para desenvolver este tipo de actividades marítimas. Não se tratava de um acesso que conduzia ao último reduto de defesa português, as suas frotas, ou sequer de onde se esperasse receber reforços, nomeadamente em caso de cerco, funções que cometeriam inteiramente à Porta do Mar que se abria na extremidade Norte da couraça. A Porta da Ribeira relacionava-se mais com a vida civil do burgo, não obstante a estrita vigilância exercida pelo poder político-militar personificado pelo capitão, que se alojava num espaço imediatamente contíguo, entre a Ribeira e o mar, seguindo afinal aquele modelo português também neste ponto. Tratava-se, pois, de

THE RIBEIRA

The access unveiled by the archaeological interventions corresponds, therefore, to the Porta da Ribeira, a designation that seems to deserve some consideration. The term *Ribeira* [lit.: riverside] is equivalent to a specific concept in Portuguese early medieval and modern history, which goes beyond the meaning of *ribeirinho* [lit.: riverine]. The *Ribeira* was established as a space at the water's edge, shared by all the coastal and fluvial urban agglomerations of the Portuguese Empire, featuring various institutions and structures and corresponding to a political, administrative and socio-economic unit (Caetano, 2004, p. 89-93). In fact, the Portuguese Crown increasingly felt the need to protect its fleets, developing these *Ribeiras* as more or less organized spaces where the activities related to ship rigging, construction and repair were centralized. Its physiognomy varied according to the size and functions performed by each urban centre, being built from scratch or adapting to pre-existing structures. These spaces were Crown property and functioned as platforms between the urban core and the aquatic environment. They included shipyard areas, warehouses, embarkation and disembarkation facilities, fiscal control structures and fortifications, and were often located close to buildings of power, which thus exercised control over these spaces; churches and social and sanitary assistance facilities were located nearby (Caetano, 2004, p. 76-89). All the overseas *Ribeiras* shared similarities with the ones located in Portugal, especially with the Ribeira de Lisboa, which served as a model, becoming an element of identity easily recognised by the Portuguese (Caetano, 2004, p. 64-69).

This Porta da Ribeira of Ksar Seghir must therefore be understood as the access created by the Portuguese to an area selected for the development of this type of maritime activities. It was not an access leading to the last redoubt of Portuguese defence or to the fleets, or even from where it was expected to receive reinforcements, particularly in the case of a siege. These functions were fulfilled by the Porta do Mar, located at the northern end of the *couraça*. The Porta da Ribeira was more related to the civilian life of the town, notwithstanding the strict vigilance exercised by the political-military power, personified by the captain, who was housed in an immediately contiguous space, between the *Ribeira* and the sea, following, once again, that Portuguese model. This was consequently an area where the residents of the town carried out their economic, commercial, fishing and naval activities, which is why it was connected to the town and not to the castle. Although we do not know the physiognomy of the immediately contiguous intramural space, we should emphasize the proximity to the main church and the denser area of commercial establishments of the urban agglomeration, the civic zone par excellence (Redman, 1986, p. 184).

uma área onde os moradores do burgo praticavam as suas actividades económicas, comerciais, piscatórias, navais, razão porque a sua conexão se fazia com a vila e não com o castelo. Embora não se conheça a fisionomia do espaço intramuros imediatamente contíguo, deve reforçar-se a proximidade com a igreja matriz e a área mais densa de estabelecimentos comerciais do aglomerado urbano, a zona cívica por excelência (Redman, 1986, p. 184).

É difícil por ora caracterizar a paisagem desta Ribeira, aguardando-se neste domínio os resultados dos trabalhos geoarqueológicos recentemente realizados. Não é clara a distância entre o flanco ocidental do burgo e a orla ribeirinha (figura 8). O testemunho de Zurara quando do referido cerco de 1458 refere que, logo nos primeiros dias, "chegou à ribeira um barco em que vinha Afonso de Miranda para se lançar na vila", que alcançou o seu objectivo não obstante a intensa perseguição; louva-se a propósito a habilidade do português que, "vestido em suas armas e por um grande areal cercado de contrários, haver ligeirice para se salvar", esclarecendo-se que "seria então o espaço da água à vila tiro de uma boa besta de poiada" (1978, p. 130-31). No auto de medição da fortificação de 1514 refere-se em algumas passagens o contacto da fortificação com o leito do rio. A descrição da contra-escarpa indica que esta se iniciava junto à couraça, a Norte, seguindo "até à beira do rio", no trecho meridional da barbacã que se havia preservado e a "couraça nova" (Farinha, 1990, III, p. 401), portanto, claramente a Sudoeste. Contudo, noutra parte refere-se "um cano que sai da cava e vai dar no rio, por onde entra e sai a água do rio à cava" (Farinha, 1990, III, p. 402), o que sugere que a comunicação não era directa, havendo necessidade deste dispositivo para manter o fosso inundável.

O curso fluvial teria naturalmente oscilações, como se depreende de mais um trecho do cronista referente a Dezembro de 1458, onde alude aos esforços do capitão para obter apoios junto de Ceuta e Tarifa, pedindo o envio de "algum navio seu enquanto a foz deste rio é aberta e com estas águas que duram" (Zurara, 1978, p. 166), clara indicação de que a própria navegabilidade podia ser comprometida em época mais seca. Numa carta de um morador de Alcácer ao rei, de 1515, assinalava-se o mau estado da muralha ribeirinha e a necessidade de desmontar a ponte que ali existia, dado que "faz carregar o rio sobre a vila" (Correia, 2008, p. 465), mais um episódio de proximidade entre o caudal fluvial e a fortificação. Nestas ocasiões pouca praia ficaria disponível para aquelas actividades marítimas, eventualmente ape-nas aquele recanto entre o castelo e a cerca urbana onde se abria a Porta da Ribeira.

Assim, presume-se que a Ribeira portuguesa de Alcácer Ceguer não devia ser mais que uma estreita faixa de praia fluvial, naturalmente inconstante na sua fisionomia em função do caudal do rio, não se conhecendo até ao momento qualquer estrutura específica destinada à acostagem de embarcações. Os limites são imprecisos, seguramente no flanco Sudoeste exterior do burgo,

It is difficult for now to characterize the landscape of this *Ribeira*; actually, we are still awaiting the results of the geo-archaeological works recently carried out in this area. The distance between the western flank of the town and the riverfront is not clear (figure 8). Zurara's testimony at the time of the 1458 siege states that, in the early days, "Afonso de Miranda arrived at the *Ribeira* by ship, willing to enter the town" and achieved his goal despite the intense persecution; praise is also given to this man who, "in full battle gear and surrounded by enemies, was quick enough to cross the wide sandy shore and escape", while explaining that "the distance between the water and the town was around 300 m" (1978, p. 130-31). The contact of the fortification with the riverbed is mentioned in some passages of the fortification's 1514 *auto de medição*. The description of the counterscarp indicates that it began next to the *couraça*, to the north, reaching "the edge of the riverbed" in the preserved southern stretch of the barbican and the "new *couraça*" (Farinha, 1990, III, p. 401), thus clearly to the southwest. However, another passage refers to "a pipe that comes out of the moat and ends in the river, through which water flows to and fro between the river and the moat" (Farinha, 1990, III, p. 402), which suggests that the communication was not direct, and that the referred pipe was required for flooding the moat.

The river would naturally have oscillations, as can be deduced from another passage by the same chronicler referring to December 1458, where he alludes to the efforts of the captain to obtain support from Ceuta and Tarifa, asking for "some ship to be sent while the mouth of the river is still open and the deep enough waters remain" (Zurara, 1978, p. 166), a clear indication that navigability itself could be compromised during the drier season. In a letter from a resident of Ksar to the king in 1515, the poor condition of the riverine wall and the need to dismantle the bridge that existed there were pointed out, since it "causes the river to flow onto the town" (Correia, 2008, p. 465), yet another indication of the proximity between the river and the fortification. On these occasions, not much of the beach would be available for maritime activities, possibly only the corner between the castle and the urban wall where the Porta da Ribeira once stood.

Thus, it may be presumed that the *Ribeira* of Ksar Seghir would be no more than a narrow strip of fluvial beach, naturally inconstant in its physiognomy depending on the river flow. So far, no specific structure for the mooring of vessels has been identified. The limits are imprecise, surely in the southwest outer flank of the town, and also in the area immediately facing the Porta da Ribeira, but they could extend to the *couraça*, to the north, and to the "new *couraça*" to the west, from the 16th century onwards (figure 2). A simple reference from the December 20th, 1508 ordinance indicates the existence at this time of structures intended for naval construction and repair in the north flank, between the *couraça* and the river, foreseeing that "the shipyards on the west side of

certamente também na zona imediatamente fronteira à Porta da Ribeira, mas que se poderiam estender até à *couraça*, a Norte, e à "*couraça nova*", a Oeste, a partir do século XVI (figura 2). Uma referência singela do regimento de 20 de Dezembro de 1508 indica a existência nesta época de estruturas destinadas à construção e reparação naval no flanco Norte, entre a *couraça* e o rio, prevenindo-se então que "as tercenhas que estão pegadas à dita *couraça* da parte da ponte se derribarão" (Correia, 2008, p. 464), certamente uma forma de potenciar o desempenho militar daquela estrutura. A verdade é que este espaço ribeirinho assegurava às embarcações portuguesas uma protecção face às intempéries marítimas, assim como de eventuais assaltos navais, já que aquela faixa se encontrava protegida pela estrutura militar mais expressiva do burgo, o castelo.

É também difícil por agora compreender se esta zona ribeirinha portuguesa já era utilizada com os mesmos propósitos em época anterior à conquista. No século XI, al-Bakri referiu que o burgo era rodeado de plantações e árvores e que "os navios podiam entrar no rio e subir até às muralhas". Na centúria seguinte, al-Idrisi enunciou a existência de um estaleiro de construção naval (Mojoud, 2012, p. 37 e 39), empreendimento atribuído ao primeiro emir almorávida, Yusuf ibn Tashfin, no quadro de uma política de controlo naval do Estreito de Gibraltar, provavelmente após a conquista de Ceuta, em 1083; o complexo é localizado "no interior, para cima da embocadura, junto às muralhas" (Picard, 1997, p. 58-59). Não nos parece, contudo, que uma área tão diminuta como a que agora analisamos possa corresponder a este estaleiro naval que referem as fontes escritas. Este situar-se-ia possivelmente mais para montante, num estuário seguramente mais caudaloso e largo do que se observa actualmente (figura 1) ou que pontuaria a paisagem na época portuguesa, quando a área era sistematicamente referida como "várzea".

Não é de excluir, porém, que em momento imediatamente anterior à conquista portuguesa de 1458, a zona que elegeram como sua Ribeira desempenhasse já estas funções. O informado texto de Zurara, relatando episódios do cerco de Novembro e Dezembro daquele ano, narra que o assédio foi montado de forma a "obstruir a ribeira, para que não pudesse vir mais gente nem alimento a esta vila" (Zurara, 1978, p. 134). A função portuária desta área fluvial junto à fortificação também é comprovada pela passagem em que os sitiados saíram da cerca para "vararem os navios em terra e os trazerem à sombra dos muros", a fim de evitar que os inimigos lhes atuassem fogo; estes "navios de remo" estavam anteriormente no leito do rio (Zurara, 1978, p. 138). O mesmo se pode deduzir dos socorros provenientes de Ceuta, então considerados apenas viáveis "pelo rio [...], ainda que fosse de noite" (Zurara, 1978, p. 141). Enfim, em todas as situações parece claro que o rio era já utilizado com função portuária aquando da chegada dos portugueses, embora seja difícil indicar qual a área exacta onde se praticariam as actividades marítimas, seguramente entre la Bab Bahar e o rio.

the *couraça*, near the bridge, must be demolished" (Correia, 2008, p. 464), certainly a way of enhancing the military performance of that structure. The truth is that this riverine area provided Portuguese vessels with protection from maritime storms, as well as from possible naval assaults, since that strip was protected by the most significant military structure of the town, the castle.

For the time being, it is also difficult to understand whether this Portuguese riverine area was already being used for the same purposes prior to the 1458 conquest. In the 11th century, al-Bakri mentioned that the town was surrounded by plantations and trees and that "ships could enter the river and sail up to the walls". In the following century, al-Idrisi referred to the existence of a shipyard (Mojoud, 2012, p. 37 and 39), an undertaking attributed to the first Almoravid emir, Yusuf ibn Tashfin, as part of a policy of naval control of the Strait of Gibraltar, probably after the conquest of Ceuta in 1083; the complex is located "inland, upstream from the river mouth, close to the walls" (Picard, 1997, p. 58-59). However, we do not believe that such a small area as the one we are now examining might correspond to the shipyard referred to in the written sources. This would possibly be located further upstream, in an estuary certainly larger and wider than its present-day counterpart (figure 1); in Portuguese times, this area was systematically referred to as a "floodplain".

However, it cannot be excluded that, at some point immediately before the Portuguese 1458 conquest, the zone eventually chosen for their Ribeira was already fulfilling these functions. Zurara, in his well-documented text, refers to some episodes of the siege of November and December of that year, and mentions that the siege was laid in such a way as to "block the Ribeira so neither people nor food could reach the town" (Zurara, 1978, p. 134). The port functions of this river area close to the fortification are also proven by the passage in which the besieged left the urban wall to "beach the ships closer to the walls", in order to prevent the enemies from setting them on fire; these "oared vessels" were previously anchored in the river (Zurara, 1978, p. 138). The same can be deduced from the help coming from Ceuta, which was considered only viable "through the river [...], even if during the night" (Zurara, 1978, p. 141). Finally, it seems clear in all situations that the river was already used as a harbour when the Portuguese arrived, although it is difficult to pinpoint the exact area where the maritime activities probably took place, certainly between the Bab Bahar and the river.

A RENOVAÇÃO DA ÁREA RIBEIRINHA E O SEU ABANDONO

A Porta da Ribeira foi utilizada seguramente até ao fim da presença portuguesa. Nas intervenções arqueológicas foi possível detectar o nível de derrube desta estrutura: por um lado, grandes blocos bem talhados, que deverão corresponder ao colapso da própria porta portuguesa; por outro, pedras de média dimensão agregadas com argamassa e tijolos, que resultarão da destruição das torres islâmicas e da cortina defensiva (figura 12). A forma como colapsou esta estrutura é incompatível com uma reformulação do sistema defensivo pelos portugueses, mas antes com uma destruição causada por fenómenos naturais. Refira-se que não foram recolhidos quaisquer materiais significativos relativos a este momento de abandono, o que também aponta para um cenário de destruição sem relação com a acção humana.

Já no que toca à barbacã foi possível identificar, no registo arqueológico, ocorrências compatíveis com uma reformulação do espaço durante a ocupação portuguesa de Alcácer Ceguer. Todo o troço revelado da estrutura, a que já aludimos acima, se encontrava destruído sensivelmente à mesma cota. A zona da porta da barbacã e as áreas contíguas a esta cortina, tanto no exterior, como no interior, foram cobertas por um sedimento arenoso, contendo escassos, mas ainda assim significativos, materiais de época portuguesa, o que data esta operação. Em algumas áreas junto a esta serventia foi mesmo identificada uma camada de argamassa bem compacta, com ligeira pendente para o rio (figura 13). Interpretamos este estrato como um piso de circulação desta zona ribeirinha, que sucedeu à barbacã, entretanto arrasada pelos portugueses.

O fenómeno não tem, a nosso conhecimento, qualquer expressão nas fontes escritas. Somos, assim, levados a pensar que, algures durante os últimos decénios da ocupação portuguesa, se procedeu ao arrasamento da barbacã neste sector, eventualmente com o fito de alargar a área ribeirinha, de criar um espaço livre mais desafogado. Após esta operação, a Porta da Ribeira passou a abrir directamente para uma zona aberta, com pendente para o rio, em parte revestida pela antiga calçada, noutra parte – sobre o antigo trajecto da barbacã – por um piso em argamassa. Esta acção de reconfiguração terá ocorrido seguramente após 1514, uma vez que a “barreira” ainda é referida no auto de medição feito nesse ano. Foi com aquela configuração que esta zona ficou até à partida dos portugueses.

Estas estruturas foram depois cobertas por sedimentos fluviais, com bastantes pedras, mas sem materiais arqueológicos, crendo-se que a sua destruição resultou também de acção de agentes naturais, tal como se verificara na muralha principal. A datação da destruição deste sector da vila, seguramente há muito abandonada, é impossível de determinar. Ressalva-se apenas que, no início do século XX, não restava qualquer vestígio

THE RENEWAL AND ABANDONMENT OF THE RIVERINE AREA

The Porta da Ribeira was surely used until the end of the Portuguese presence. During the archaeological interventions it was possible to identify the layer corresponding to the collapse of this structure: on one hand, large well-shaped blocks, which should correspond to the collapse of the Portuguese gate itself; on the other hand, medium sized stones aggregated with mortar and bricks, probably resulting from the destruction of the Islamic towers and the defensive curtain (figure 12). The way this structure collapsed is not compatible with a reformulation of the defensive system by the Portuguese, but rather with a destruction caused by natural phenomena. Furthermore, no significant materials related to this moment of abandonment were recovered, which also points to a scenario of destruction unrelated to human action.

As for the barbican, it was possible to identify in the archaeological record some events consistent with a reformulation of the space during the Portuguese occupation of Ksar Seghir. The entire section of the structure that was unveiled, as referred above, was destroyed at roughly the same elevation. The area of the barbican gate and the areas adjacent to this curtain, both outside and inside, were covered by a sandy sediment, containing few, but nevertheless significant, materials from the Portuguese period, which provides a dating for this operation. In some areas close to this access, a very compact layer of mortar was identified; it sloped gently towards the river (figure 13). We interpret this layer as a circulation floor of this riverine area, which replaced the barbican razed by the Portuguese.

To the best of our knowledge, this phenomenon is not mentioned in the written sources. We are, therefore, induced to think that, during the last decades of the Portuguese occupation, the razing of the barbican took place in this sector, possibly aiming at enlarging the riverine area, thus creating a more unobstructed free space. After this operation, the Porta da Ribeira gave direct access to an open area, sloping towards the river, partly covered by the old pavement and partly – over the former layout of the barbican – by a mortar floor. This reconfiguration action probably took place after 1514, since the “barreira” [barbican] is still mentioned in that year's *auto de medição*. This zone kept the same configuration until the departure of the Portuguese.

These structures were then covered by fluvial sediments, with many stones, but without archaeological materials. We believe that their destruction also resulted from the action of natural agents, as in the case of the main wall. The date of the destruction of this sector of the town, certainly abandoned a long time before, is impossible to determine. At the beginning of the 20th century, there was no trace of this structure, as it is not mentioned in the cultural visit of a



12. Porta da Ribeira no momento da escavação, em 2015, vendo-se o remanescente do seu colapso.
The Porta da Ribeira during the excavation, in 2015, and the remnants of its collapse.

desta estrutura, já que ela não é referida na visita cultural que ali efectuaram membros de agremiações científicas portuguesas em 1923, nem na planta efectuada por Luís César de Montalbán (Dornelas, 1925), pioneiro da arqueologia na região, então com funções na administração do protectorado espanhol em Marrocos e cuja acção em Alcácer Ceguer é ainda desconhecida.

number of members of Portuguese scientific associations in 1923, nor in the ground plan by Luís César de Montalbán (Dornelas, 1925), a pioneer archaeologist in this region, who was by then in charge of the Spanish protectorate in Morocco and whose actions in Ksar Seghir are still unknown.



13. A barbacã e a respectiva porta, cobertas por sedimento e piso de argamassa aquando da reformulação deste espaço durante o domínio português.
The barbican and the respective gate, covered by sediments and a mortar floor as a result of the reformulation of this space during Portuguese rule.

CONCLUSÕES

As intervenções arqueológicas efectuadas entre 2015 e 2017 permitiram identificar diferentes realidades na zona Noroeste de Alcácer Ceguer, junto da orla ribeirinha, conectadas com a fortificação e a vida marítima deste burgo ao longo dos séculos.

Os resultados alcançados numa pequena sondagem indicam-nos uma fundação da cerca urbana e das respectivas torres circulares coincidente com a referência documental da crónica de Ibn Abi Zar', que data a sua construção de 1287. Os alicerces das estruturas continham sedimentos com materiais dos séculos XII e XIII, lixeiras de níveis de ocupação anteriores do sítio, sendo sucedidas por um piso de circulação. Reforça-se, pois, a interpretação recente de Patrice Cressier, que considera o percurso perfeitamente circular da cidade, apoiado num triângulo equilátero definido pelas suas portas, assim como a sua localização marítima frente ao Estreito de Gibraltar, como a materialização da estratégia e ideologia dos sultões merínidas de intervenção na Península Ibérica.

CONCLUSIONS

The archaeological interventions carried out between 2015 and 2017 allowed for the identification of different realities in the north-western area of Ksar Seghir, near the riverfront, related to the fortification and the maritime life of this town over the centuries.

The results of a small sondage indicate that the foundation of the urban wall and its circular towers are consistent with a documentary reference from the chronicle of Ibn Abi Zar', which dates its construction to 1287. The foundations of the structures contained sediments with materials from the 12th and 13th centuries, corresponding to waste dumps from previous levels of occupation, covered by a circulation floor. This corroborates Patrice Cressier's recent interpretation, i.e. the perfectly circular layout of the town, based on an equilateral triangle defined by its gates, as well as its maritime location facing the Strait of Gibraltar, as the materialization of the Marinid sultans' strategy and ideology of intervention in the Iberian Peninsula.

A conquista portuguesa, em 1458, provocou múltiplas transformações no antigo burgo. Nesta orla ribeirinha é evidente uma elevação significativa do terreno. Se noutros casos este processo se relaciona com mudanças ao nível do urbanismo ou da construção de edifícios públicos e privados, aqui apontamos para um objectivo essencialmente militar, uma vez que esta operação está associada ao enchimento da abóbada inferior da torre circular do recinto, conferindo-lhe maior solidez. Esta terraplanagem foi realizada numa única fase e em pouco tempo, nos primeiros anos da presença portuguesa na cidade, aproveitando-se os resíduos deixados pela população muçulmana que a abandonara.

Nos primeiros cinquenta anos da ocupação portuguesa, o troço de muralha a Noroeste da vila foi descontinuado para a implantação de uma nova porta, que comunicava com a orla fluvial. Foi construído de acordo com a métrica portuguesa da época, tendo uma estrutura muito semelhante aos outros dois acessos construídos no burgo no início do século XVI e que sobreviveram até hoje, os do Baluarte da Porta da Vila e do Baluarte da Porta de Ceuta. Um documento de 1508 sugere a existência desta serventia antes desta data e o manuscrito de 1514 refere uma Porta da Ribeira, certamente coincidente com esta descoberta.

Esta porta dava, pois, acesso à Ribeira de Alcácer Ceguer, um espaço específico dos aglomerados urbanos portugueses desta época, com instituições de poder e estruturas logísticas, sobretudo comerciais, onde se fazia a construção e reparação naval e que servia como plataforma entre o burgo e o meio aquático. Trata-se de um espaço que por ora não podemos caracterizar, mas que teria uma área reduzida, flutuante face à própria dinâmica fluvial, onde os habitantes desenvolviam as suas actividades marítimas. A Porta da Ribeira conectava este espaço com o centro nevralgico do burgo, onde se localizava o castelo, a igreja matriz e as principais lojas.

Em relação à barbacã, de acordo com as fontes escritas, foi construída antes de 1458, tendo sido transformada durante o domínio português, com a abertura de uma porta ribeirinha. Esta abertura será contemporânea da construção da Porta da Ribeira, viabilizando a conexão entre o burgo e o espaço fluvial. O percurso entre as suas serventias fazia-se a descoberto por uma calçada em cotovelo, com acentuado declive, um sistema de organização das portas que foi registado noutras áreas da vila. Mais enigmática é a destruição da barbacã ainda sob os portugueses e sua cobertura por um piso em argamassa, talvez justificada pelo desejo de alargar a espaço de circulação na zona ribeirinha. Todas as estruturas acabaram por colapsar após a partida dos portugueses, por acção de agentes naturais, até serem redescobertas por estes trabalhos arqueológicos.

The Portuguese conquest, in 1458, originated multiple transformations of the old town. A significant uplift of the terrain is quite evident on this riverfront area. If in other cases this process is related to changes in urbanism or to the construction of public and private buildings, in this case we are dealing with an essentially military objective, since this operation is associated with the infilling of the lower vault of the compound's round tower, in order to increase its robustness. This infill was executed in a single phase and in a short time, during the first years of the Portuguese presence, taking advantage of the waste left by the Muslim inhabitants who abandoned the town.

During the first fifty years of the Portuguese occupation, a stretch of wall to the northwest of the town was brought down to allow for the installation of a new gate, which gave access to the riverfront. This gate was built according to the coeval Portuguese metric system; its structure is very similar to the other two gates built in the town in the beginning of the 16th century, at the Baluarte da Porta da Vila and the Baluarte da Porta de Ceuta, which have reached our days. A 1508 document suggests the existence of this access prior to this date and the 1514 manuscript mentions a Porta da Ribeira, which quite probably corresponds to this discovery.

Thus, this gate gave access to the *Ribeira* of Ksar Seghir, a specific space of the Portuguese urban agglomerations of that time, featuring institutions of power and logistical structures, particularly commercial, where naval construction and repair were carried out and which served as a platform between the town and the aquatic environment. For the time being, we cannot fully characterise this space, which changed according to the river dynamics, but this would probably be a small area, where the inhabitants carried out their maritime activities. The Porta da Ribeira connected this space with the neuralgic centre of the town, where the castle, the main church and the main shops were located.

Regarding the barbican and according to written sources, it was built before 1458 and transformed during the Portuguese period, with the construction of a riverine gate. This should be contemporaneous with the construction of the Porta da Ribeira, enabling the connection between the town and the riverside area. An unroofed, angled pavement with a steep slope connected both gates; similar gate systems were recorded in other areas of the town. The destruction of the barbican, still under Portuguese rule, and its covering with a mortar floor is more enigmatic, and was perhaps motivated by the desire to extend the circulation space of the riverside area. All the structures eventually collapsed after the departure of the Portuguese, due to the action of natural agents, and they were only rediscovered in the course of the archaeological interventions presented herein.

BIBLIOGRAFIA BIBLIOGRAPHY

CAETANO, Carlos (2004) – *A Ribeira de Lisboa na Época da Expansão Portuguesa (Séculos XV a XVIII)*. Lisboa: Pandora.

CORREIA, Jorge (2008) – *Implantação da cidade portuguesa no Norte de África: da tomada de Ceuta a meados do século XVI*. Porto: FAUP Publicações.

CRESSIER, Patrice (2006) – Les portes urbaines post-almohades du Maroc. In SCHATTNER, Thomas G.; VALDÉS FERNÁNDEZ, Fernando, ed., *Stadttore. Bautyp und Kunstform / Puertas de ciudades. Tipo Arquitectónico y forma artística*. Mayence: Deutsches Archäologisches Institut, Diputación Provincial de Toledo, Real Fundación de Toledo, p. 459-488.

CRESSIER, Patrice (2012) – Al-Qasr al-Saghîr, ville ronde. In BENLABBAH, Fatiha; EL-BOUDJAY, Abdelatif, eds., *Ksar Seghir. 2500 and d'échanges intercivisationnels en Méditerranée*. Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones, p. 61-89.

CRUZ, Maria Leonor Garcia da (1997) – As controvérsias ao tempo de D. João III sobre a política portuguesa no Norte de África. *Mare Liberum*, 13-14. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p. 123-187, 117-198.

CRUZ, Sérgio Braga da (2015) – *O Castelo Português de Alcácer Cequer: Transformações Morfológicas de meados do séc. XV a meados do séc. XVI*. Guimarães: Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (Tese de mestrado).

CRUZ, Sérgio Braga da; CORREIA, Jorge (2016) – Vers une interprétation du château de Ksar Seghir: transformations morphologiques entre le XV^e et le XVI^e siècle. In TEIXEIRA, André, coord., *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (Coleção ArqueoArte, 5). Lisboa: CHAM, p. 135-164.

DIAS, Pedro (1999) – *História da Arte Portuguesa no Mundo 1415-1822. O espaço do Atlântico*. Lisboa: Círculo dos Leitores.

DORNELAS, Afonso de (1925) – *Alcácer Seguer em Agosto de 1923*. Lisboa: Casa Portuguesa.

EL-BOUDJAY, Abdelatif (2012) – La mise en valeur du site archéologique de Ksar Seghir: bilan et perspectives. In BENLABBAH, Fatiha; EL-BOUDJAY, Abdelatif, eds., *Ksar Seghir. 2500 and d'échanges intercivisationnels en Méditerranée*. Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones, p. 107-131.

EL-BOUDJAY, Abdelatif; TEIXEIRA, André; LOPES, Gonçalo Correia; TORRES, Joana Bento (2016) – La fortification et la mer à Ksar Seghir: le rempart ouest et les portes riveraines entre le XIV^e et le XVI^e siècle. In TEIXEIRA, André, coord., *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (Coleção ArqueoArte, 5). Lisboa: CHAM, p. 165-200.

FARINHA, António Dias (1990) – *Portugal e Marrocos no século XV*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3 vols. (Tese de doutoramento).

MARTÍNEZ NUÑEZ, María Antónia (2016) – La lápida de la Puerta de Fez (*Bâb Fās*) en la muralla de al-Qasr al-Şagîr (Marruecos). In TEIXEIRA, André, coord., *Entre les deux rives du Détroit de Gibraltar: Archéologie de frontières aux 14-16^e siècles / En las dos orillas del Estrecho de Gibraltar: Arqueología de fronteras en los siglos XIV-XVI* (Coleção ArqueoArte, 5). Lisboa: CHAM, p. 127-134.

MONTEIRO, João Gouveia (1999) – *Os Castelos Portugueses dos finais da Idade Média. Presença, perfil, conservação, vigilância e comando*. Lisboa: Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MOREIRA, Rafael (1989) – A época manuelina. In MOREIRA, Rafael, org., *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Publicações Alfa, p. 91-142.

MOUJOURD, Tarik (2012) – Ksar Seghir d'après les sources médiévales d'histoire et de géographie. In BENLABBAH, Fatiha; EL-BOUDJAY, Abdelatif, eds., *Ksar Seghir. 2500 and d'échanges intercivisationnels en Méditerranée*. Rabat: Institut d'Études Hispano-Lusophones, p. 35-59.

PICARD, Christophe (1997) – *La Mer et les musulmans d'Occident au Moyen Age, VIII-XIII siècle*. Paris: Presses Universitaires de France.

REDMAN, Charles L. (1986) – *Qsar es-Seghir. An Archaeological View of Medieval Life*. Orlando: Academic Press.

ROSSA, Walter (1995) – A cidade portuguesa. In PEREIRA, Paulo, dir., *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, vol. III, p. 233-323.

TEIXEIRA, André; CORREIA, Jorge (2017) – O património arquitectónico e arqueológico de origem portuguesa no Norte de África: projectos de investigação e valorização (2008-2016). In SANTOS, Joaquim Rodrigues dos, coord., *Preservar o Património Português Além-Mar. Portugueses e a Salvaguarda do Património Edificado Português no Mundo*. Lisboa: Caleidoscópio, p. 197-223.

ZURARA, Gomes Eanes (1978) – *Crónica do Conde D. Duarte de Meneses*, ed. Larry King. Lisboa: FCSH-UNL.